



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

ISADORA CARVALHO ARAÚJO

UM PAPO, OU DOIS: COMO AS CANTORAS TOCAM HISTÓRIAS
LONGFORM

GOIÂNIA
2026



ISADORA CARVALHO ARAÚJO

UM PAPO, OU DOIS: COMO AS CANTORAS TOCAM HISTÓRIAS

LONGFORM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Pontifícia Universidade Católica de Goiás
como requisito final para a conclusão do curso
de Bacharelado de Jornalismo, orientado pela
Prof^ª. Ma. Maria Carolina Giliolli Goos

GOIÂNIA

2026

ISADORA CARVALHO ARAÚJO

UM PAPO, OU DOIS: COMO AS CANTORAS TOCAM HISTÓRIAS

LONGFORM

Data da Defesa: 12 de junho de 2026

BANCA EXAMINADORA

Orientadora - Prof^ª. Ma. Maria Carolina Giliolli Goos

Avaliadora – Prof^ª. Sabrina Moreira de Moraes Oliveira

Avaliador – Prof^ª. Antônio Carlos Borges Cunha

GOIÂNIA

2026

Dedicatória

Este é dedicado a quem não fala em gritos, mas por marcar em papel, lágrimas e páginas, escondido em notas calculadas, o que sua mente sempre lembra.

Agradecimentos

Primeiramente, sou grata pelas oportunidades que recebi, os professores me deram a chance de me descobrir e me inspirar ao longo do ensino. Cada um deles que dedicaram seu tempo e paciência em me educar, em principal algumas que espero levar como amizade para a vida. Uma delas, Carol Goos, minha orientadora neste longo processo, nosso tempo de convivência foi além que apenas profissional, sua escuta e carinho, levadas pelas sinceras falas e seu jeito divertido mantiveram minha mente sã. Outros são Antônio Carlos e Sabrina Moreira, duas pessoas maravilhosas que sempre prestaram seu apoio e suporte para cada dificuldade, tanto no curso quanto em suas matérias.

Agradeço a minha família e amigos, e aqueles que se foram nesse processo como a minha avó materna, espero que ela em seu descanso eterno sinta orgulho de mim. Aos meus pais, que sempre me deram seu amor incondicional e um suporte gigantesco, indo além dos 4 anos de curso, se estendendo a minha vida toda. Um grande carinho e amor a minha avó paterna, que sempre esteve do meu lado, escutando meus desabafos e conversas longas como se fossem a coisa mais importante para ela, cada momento desse me deu o exemplo de amor e escuta que sempre levarei comigo. E essa escuta e bom coração que me ajudaram a entender as dores e amores dos que escutei para esse projeto. Ao meu noivo, que sempre me apoiou, me deu suporte e em cada momento desses quatro anos, me fez acreditar em mim mesma.

As minhas amigas, Lara, Anna Júlia e Carol, que mesmo com os acontecimentos ao nosso redor, nunca foram para longe e se mantiveram aqui, como minhas mosqueteiras eu digo a elas: “Uma por todas e todas por uma.”

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste no desenvolvimento de um site jornalístico digital no formato longform intitulado “Um papo ou dois: como as cantoras tocam histórias”, focado no jornalismo opinativo e cultural. O objetivo principal é investigar e analisar como as biografias, trajetórias e produções musicais de seis cantoras: Sister Rosetta Tharpe, Rihanna, Halsey, Sabrina Carpenter, Shakira e Amy Winehouse. O site incorpora elementos multimodais, como playlists musicais personalizadas, imagens e transcrições de áudio, para criar uma experiência de leitura imersiva. Este trabalho demonstra que a música pop atua muito além do entretenimento de massa, estabelecendo-se como uma poderosa ferramenta de resistência histórica, representação política e emancipação feminina coletiva.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural; Longform; Indústria Cultural; Feminismo; Música Pop.

Abstract

This Undergraduate Thesis consists of the development of a digital journalistic website in longform format entitled “A talk or two: how female singers touch stories”, focused on opinion and cultural journalism. The main objective is to investigate and analyze the biographies, trajectories, and musical productions of six female singers: Sister Rosetta Tharpe, Rihanna, Halsey, Sabrina Carpenter, Shakira, and Amy Winehouse. The website incorporates multimodal elements, such as customized music playlists, images, and audio transcriptions, to create an immersive reading experience. This work demonstrates that pop music acts far beyond mass entertainment, establishing itself as a powerful tool for historical resistance, political representation, and collective female emancipation.

Keywords: Cultural Journalism; Longform; Culture Industry; Feminism; Pop Music.

Sumário

Introdução	8
2. Referencial Teórico	11
2.1.Jornalismo: fundamentos e narrativas	11
2.3 Longform: conceito e características	14
2.4 Indústria cultural e construção da persona artística	15
2.5 A luta feminina	17
3. Metodologia	20
4. Produto	22
4.1 Sister Rosetta Tharpe	23
4.2 A resiliência de Rihanna	24
4.3 Halsey: o sonho que vira dor	27
4.4 Sabrina Carpenter	28
4.5 Shakira: las mujeres ya no lloran*	29
4.6 Amy: quando a angústia vence	30
5. Memorial	32
6. Considerações finais	34
Referências bibliográficas	37
ANEXO:	39
Produto:	39
Boas-vindas a 'Um papo, ou dois'	40
Manual de leitura (um pouco desnaturado)	40
Rosetta Tharpe: A mãe quase esquecida do rock	41
A resistência de Rihanna	43
Halsey: o sonho que leva a dor	47
Go hot woman, GO!*	49
Shakira: las mujeres ya no lloran	53
Amy: quando a angústia vence	54
Termo de autorização Thais Marinho:	58
Termo de autorização Anna Júlia Caixeta:	59
Termo de autorização Carlos Adão:	60
Termo de autorização Jéssica Raiane Pereira dos Santos:	61

Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata de um site no formato *longform*, com o nome “Um papo ou dois: como as cantoras tocam histórias”, onde foram produzidos e publicados textos no formato de jornalismo opinativo e cultural. Abordando dentro do jornalismo a vida, influência e estudos sobre cantoras famosas que fomentam movimentos sociais como: Rosetta Tharpe, Rihanna, Halsey, Sabrina Carpenter, Shakira e Amy Winehouse. Este produto foi construído por meio de pesquisa teórica, captação de entrevistas, coleta de reportagens e notícias sobre cada figura famosa, para a montagem de uma série de textos críticos em diversos formatos jornalísticos, mistos à literatura, como grande reportagem, crônica e perfil bibliográfico.

As escolhas dessas personalidades baseiam-se não apenas na influência nas artes, mas também na sociedade, abordando as problemáticas e o controle exercido pelas gravadoras sobre essas artistas, suas vidas pessoais e seu impacto. O trabalho buscou uma análise aprofundada de biografias, documentários, reportagens, notícias, entrevistas e trabalhos acadêmicos para investigar como essas artistas impactam o público. Ao elaborar cada texto sob uma reflexão crítica nesse meio de produção, oferecendo uma visão clara de como essas figuras impulsionaram e incentivaram questões sociais como controle sobre a arte, apagamento, racismo, violência contra a mulher, orgulho latino, depressão e relacionamentos tóxicos. Para isso, foram exploradas as narrativas e conexões presentes nos textos que demonstram como fãs e especialistas percebem o papel dessas cantoras em diversas lutas por respeito, direitos, liberdade e reconhecimento.

A seleção dessas personalidades levou em consideração não apenas sua influência no campo artístico, mas também seu impacto na sociedade, especialmente diante das problemáticas enfrentadas por elas e do controle exercido pelas gravadoras. O trabalho baseou-se em uma análise aprofundada de biografias, documentários, reportagens, entrevistas e produções acadêmicas, com o objetivo de investigar de que maneira essas artistas afetam o público. Cada texto foi elaborado a partir de uma reflexão crítica sobre o meio de produção musical, oferecendo uma visão clara de como essas figuras impulsionaram questões sociais; como a luta por respeito, direitos, liberdade e reconhecimento. Para isso, exploraram-se as narrativas e as conexões presentes nos materiais analisados, revelando como fãs e especialistas percebem o papel dessas cantoras em diferentes frentes de resistência e transformação social.

O formato escolhido foi *Longform*, que é refere-se a uma modalidade jornalística que busca tratar de assuntos de "forma longa", uma expansão da reportagem em ambiente virtual, caracterizando-se por textos que carregam maior profundidade e tratamento, ampliando o lado narrativo em sua escrita e aproximando-se da reportagem, porém, com características vindas da literatura. As práticas de relatos aprofundados acomodam uma diversidade de semióticas em diferentes meios de transmissão, unindo o aspecto informativo ao narrativo (LONGHI, 2024; RYAN, 2004; DOWLING, 2017).

O trabalho advém de sua relevância social, discutindo sobre a realidade dessas *personas* -- Figuras famosas -- e como vivenciam e mostram suas problemáticas sociais e históricas não apenas em músicas. As discussões se pautam em exemplos como o de Sister Rosetta Tharpe, criadora do *Rock and Roll*, que desenvolveu o estilo acelerado da guitarra, utilizando-se de sintetizadores levando cantos da luta negra aos palcos, tanto os de sua própria criação quanto os herdados dos antepassados escravizados. Rosseta também está diretamente relacionada à luta contra o colonialismo, a apropriação branca do legado e das marcas de artistas negros explorados e deixados no esquecimento.

O primeiro ponto estudado foi a Indústria Cultural, que segundo, Max Horkheimer Theodor Adorno, são os meios que buscam controlar por padrões, o sistema de consumo da arte, tornando assim de fácil consumo das grandes massas. tendo como foco a indústria musical, analisando como ela se ergue como algo maior que o artista, contrapondo as expressões artísticas ao atuar como uma limitadora movida por questões monetárias e por cláusulas autoritárias presentes em contratos. Esse estudo se baseou em leituras de livros técnicos e críticos de jornalismo, em falas das artistas citadas e em estudos históricos presentes em documentários, reportagens e notícias publicadas.

A proximidade de estudos e buscas do jornalismo com as ciências sociais se dá na análise de processos de interações sociais dos homens e grupos humanos. Segundo Antonio Hohlfeldt (2005), em suas reflexões apresentadas em congressos, as ciências sociais carregam o objetivo de encontrar parâmetros, ou regularidades, nos eventos sociais, dando a eles significação. Ao refletir sobre Niklas Luhmann, e sua avaliação ele monta um parâmetro, onde que tudo que sabemos sobre a sociedade e o mundo, vem pela mídia e sua construção nas propagação, modelos, técnicas de reprodução para a grande massa.

Com todo esse aspecto, devemos refletir sobre como muitos artistas têm grande parte de seus direitos retirados e passam décadas em lutas apenas para trabalharem e manterem sua arte viva. Lutando para não serem apagadas, sufocadas e colocadas contra elas mesmas em

um processo massivo de venda e capital onde até sua vida privada é um mercado com suas carreiras sempre em avaliação.

2. Referencial Teórico

2.1. Jornalismo: fundamentos e narrativas

O jornalismo vem traçando seu formato e se diferenciando da literatura desde o final do século 18 e início do século 19. A fórmula que hoje chamamos de notícia se torna um mercado rentável, entrando de forma completa no sistema capitalista, com colocações específicas para suas atividades. Nesse papel de levar uma mensagem, que pode ou não conter a totalidade dos fatos, a conexão que surge entre o ouvinte ou receptor ocorre e, dentro dessa relação, vemos a existência de uma influência que ocorre no cotidiano. O produto difundido na massa, neste caso, a notícia, gera um resultado: impacto e influência nas estruturas sociais.

Na atual construção teóricos como Pierre Bourdieu¹ (2013), previram uma social e profissional, temos no campo o jornalismo contendo uma tensão social, vinda de disputas tanto simbólicas, quanto reais. Uma das críticas que vêm se tornando frequentes é a mídia como redutor da complexidade que a sociedade carrega. Nesse tratamento, leva uma visão da realidade total dos fatos, o que tem como consequência uma abordagem rasa de ver os fatos, que não se trata de um objeto único sendo analisado, mas da sociedade com divergências e grupos de ação. Os conglomerados de mídia acabam criando uma memória na sociedade pela difusão acelerada e acentuada, que dentro de um recorte, pode modificar o imaginário popular para uma visão específica. Essa montagem pensada por Theodor Adorno e Max Horkheimer² (2002), leva a criação de padrões morais, valores, beleza e comportamento que carregam até os dias de hoje discussões de ética, o que é narrado pelos meios de comunicação de massa, o que pode não condizer com a realidade.

A visibilidade pública se une às características principais para a escolha do que é relevante; o conceito de noticiabilidade de acordo com Antonio Hohlfeldt (2005), se estende além, modificando a percepção dos valores morais sob encomenda, o que leva à valorização de algumas narrativas. Nesse ponto, temos a ética como um freio ideológico e moral, guiando as decisões sobre o que seria notícia.

1. Pierre Bourdieu foi um dos sociólogos, antropólogos e filósofos franceses mais influentes do século XX. Ele revolucionou as ciências humanas ao criar uma teoria das desigualdades e do poder.

2. Theodor Adorno e Max Horkheimer foram dois importantes filósofos e sociólogos alemães do século XX, conhecidos como os principais líderes da Escola de Frankfurt e os criadores da Teoria Crítica da sociedade.

Com as redes sociais tivemos um aumento de acesso, Longhi (2017) discute a derrubada de algumas barreiras que a comunicação dos séculos passados tinha como um obstáculo. Porém, o advento dessas tecnologias ampliou a marginalização de temáticas e da exploração, o que deve levar à criação de novos limites legais e jurídicos para o combate à exploração da dor, violência e venda da privacidade que hoje se tornou rotineira.

2.2 Jornalismo Cultural

Antes de entender o que é o Jornalismo Cultural, precisamos entender o atual conceito de cultura. Segundo Angeli Rose (2017), a cultura é “uma forma que caracteriza o modo de vida de uma comunidade”³. Essa cultura passou a ser produzida pelo seu valor comercial, influenciando as pessoas em seu cotidiano, sendo uma forma de conexão entre pessoas e o mercado da arte, onde a busca de visibilidade é facilmente observada. Essa ligação veio de afinidades e interesses próximos dos membros desses grupos sociais em sociedades capitalistas, os conceitos abstratos de dominação de massa se tornaram cada vez mais concretos e impositivos.

De acordo com Umberto Eco (2020) o conceito de cultura, derivado originalmente do francês, limitava-se inicialmente ao culto religioso. Com o passar dos séculos, o termo evoluiu, passando a designar a construção intelectual. Nessa acepção, cultura é vista como uma resposta ao ambiente social em que se habita, uma maneira de interagir e confrontar esse meio. É nesse contexto de múltiplas significações que o jornalismo cultural se articula e transforma.

O jornalismo cultural é uma das especializações do jornalismo e dedica-se à cobertura das artes em suas múltiplas linguagens e manifestações sociais. Em geral, suas pautas estão voltadas para a agenda cultural e os eventos que aproximam a sociedade do universo artístico — atividades que, embora garantidas pela Constituição como direito social, funcionam predominantemente como bens de mercado, gerando renda, status e movimentação econômica.

4. The Great Impersonator - Tradução: A Grande Impostora

5. Manic - Tradução: Maníaca

Diante da crescente digitalização, o jornalismo cultural enfrenta novos desafios, como o excesso de informações disponíveis e o fortalecimento de barreiras à verificação dos dados. Nesse cenário, o fluxo intenso e contínuo de conteúdos torna muitas produções rapidamente obsoletas e descartáveis. Contudo, são justamente nessas lacunas que a tecnologia oferece oportunidades promissoras: inovações técnicas e novos formatos narrativos ampliam as possibilidades de abordagem dos temas culturais, como aponta Longhi em sua análise.

Uma das formas mais interessantes de inovação no Jornalismo tem se verificado em novas abordagens narrativas nos conteúdos noticiosos ciberjornalísticos. Este fenômeno aparece em conteúdos expressivos como o texto *longform*, o uso renovador do áudio e em características imersivas tais como representações gráficas ou imagéticas em terceira dimensão e, mais recentemente, em realidade virtual (VR). (LONGHI, 2017, p.22).

Essa vertente construiu um formato próprio, adaptando-se ao ambiente online, com todas as possibilidades que esse meio oferece para o desenvolvimento de experiências diversas e distantes do clássico jornal impresso. Busca-se, contudo, alinhar os métodos de checagem a características da literatura, do ecossistema digital e dos formatos jornalísticos tradicionais. Nesse contexto, a inovação passa a ser uma ferramenta do trabalho especializado para a produção de conhecimento.

Essa atualização, ou inovação, pode ser colocada como uma das necessidades do jornalismo, desde sua fundação, em comunicar da maneira mais clara e imersiva, colocando a tecnologia para esta função e auxílio. O jornalismo de inovação, é uma parte do jornalismo, que utiliza as novas tecnologias como ferramenta, não sendo um jornalismo à parte, mas como utiliza as novas tecnologias para chegar ao público, gerando um interesse e uma nova conexão pelo que foi produzido. Assim, entendendo as mudanças sociais e sua importância quanto às evoluções, incluindo as de mercado, considerando o jornalismo um produto.

2.3 *Longform*: conceito e características

O *Longform* para Longhi e Winkes (2024), representa a expansão da reportagem, elevando o valor do jornalismo ao permitir que o profissional aprofunde reflexões e se aproxime da literatura. Seu foco narrativo na história central oferece um espaço para abordar

4. The Great Impersonator - Tradução: A Grande Impostora

5. Manic - Tradução: Maníaca

temas que exigem maior profundidade, com apuração mais rigorosa e maior envolvimento com os personagens.

Neste mesmo estudo, a narrativa, ao longo do tempo, vai além da mera expressão textual, atuando como um meio para a compreensão do mundo e da vida. Dentro desse contexto, existem as narrativas-fórmulas, que se restringem ao aspecto puramente informativo. Marcadas pela técnica e pela urgência do *Hard News* e das redações rápidas, estas são frequentemente vistas como limitadoras da liberdade criativa, pois sua busca pela objetividade e exposição de dados pode restringir a profundidade das perspectivas abordadas.

Em contraste, o texto utilizado no trabalho, conforme Longhi (2024), adota as narrativas-vida². Este formato permite explorar temas complexos para além do informativo clássico, como sentimentos, memórias resgatadas e histórias passíveis de compartilhamento. Dessa forma, o autor pode favorecer uma conexão mais forte com o leitor, utilizando a narrativa como ferramenta para integrar a crítica e a subjetividade. O *Longform* facilita a construção de cenários e ambientes através de recursos visuais como imagens, vídeos e fotos, e permite a criação de um estilo estético próprio.

“Na visão tecida por Geraldine (2001), as narrativas que se restringem apenas ao aspecto informativo são denominadas narrativas-fórmulas, enquanto aquelas que não estão submetidas à pressão do tempo das redações e que incorporam outros elementos enunciativos são conhecidas como narrativas-vida. De acordo com a autora, esse jornalismo-fórmula, tecnicista, não permite a liberdade do imaginário, não se solta e não se desvincula da razão instrumental que, segundo ela, esvazia o conhecimento e o torna refém da técnica. Nas narrativas-vida, os sentimentos são complexos, respeita-se o indizível, compartilham-se experiências, resgatando-se a memória, o que possibilita a construção de um sentido para a vida, tanto do narrador/escritor quanto do ouvinte/leitor, transformando-os.” (Longhi, 2024, p.4)

Segundo Longhi (2024), a utilização do *storytelling* é crucial na construção do texto para recriar situações do mundo real. Técnicas frequentemente empregadas na literatura, como a escrita subjetiva, diálogos, pensamentos, descrições e a estrutura cronológica, ganham destaque sobre a tradicional pirâmide invertida³. Embora os princípios fundamentais do jornalismo nunca sejam esquecidos, eles podem ser colocados em segundo plano. Se estabelece como um meio-termo entre as técnicas jornalísticas e a literatura. Longhi (2024) diz que ao absorver o jornalismo literário para oferecer uma cobertura mais ampla de temas, criando uma narrativa imersiva, mas mantém o não-ficcional com o fato sendo o principal da narrativa.

4. The Great Impersonator - Tradução: A Grande Impostora

5. Manic - Tradução: Maníaca

A multimodalidade é uma característica vinda da linguagem, itens como design e imagem, mídia e a comunicação, entram nos estudos de cooperação entre todos para a construção de um significado. Sendo, o centro da estrutura, permitindo a escolha ampla de possibilidades na interatividade que a internet abre, levando a ampliação do panorama, onde o gênero pode se adaptar não só aos formatos, mas a tecnologias e contextos. A transição para novos formatos pode aliviar o cansaço do público em relação aos textos noticiosos tradicionais. Embora essa mudança seja uma faca de dois gumes, ela oxigena a produção editorial e atrai novos perfis de audiência.

Segundo Longhi (2024) o gênero multimodal, o *longform* utiliza elementos interativos, áudio, vídeo e design de navegação para enriquecer a narrativa de grandes reportagens. Essa combinação de diferentes signos facilita a compreensão e a disseminação do conteúdo. O formato carrega uma forte dimensão cultural, herdada do impacto de mídias tradicionais e digitais como cinema, rádio, TV, fotografia e *games*, que ajudaram a fundamentar o ciberjornalismo contemporâneo.

2.4 Indústria cultural e construção da persona artística

Este estudo propõe um olhar histórico, social e jornalístico sobre como grandes personalidades da música moldam a realidade ao seu redor, seja inspirando movimentos duradouros de resistência, seja confrontando estruturas vigentes. A análise fundamenta-se em pesquisas hemerográficas, biografias e no diálogo direto com fãs para mapear a profundidade dessa influência. Outro eixo central é a crítica à indústria cultural para Adorno e Horkheimer, a música sob o capitalismo perde seu valor estético único. Ela passa a seguir uma lógica de linha de montagem, onde a exploração comercial dita o que deve ser ouvido, moldando o gosto da audiência. O trabalho utiliza a vida e a arte dessas cantoras como um prisma para observar as pressões do mercado fonográfico, revelando como a exploração comercial interfere diretamente nas pautas sociais e na relação afetiva com a audiência.

A visão econômica sobre os artistas vem de encontro a sua importância social, em diversas causas, estabelecendo um confronto direto com a imagem atrativa que as grandes mídias gostam de propagar, onde os padrões vencem a originalidade e ganham uma narrativa forte, onde a balança entre o humano e que é mais vendido se torna a produção. Atualmente,

4. The Great Impersonator - Tradução: A Grande Impostora

5. Manic - Tradução: Maníaca

esse controle se amplia: a era digital aumenta a necessidade de imagens e grandes públicos, e ganha novos formatos e métricas provenientes das novas tecnologias de comunicação.

Os limites humanos são deixados de lado e o formato industrial se torna um padrão, a arte ganha grandes equipes de produção, um capital maior e um valor que precisa ser alcançado nos resultados finais. Na modernidade tecnológica, somos capturados em um grande fluxo de informações e conteúdos que moldam as relações digitais e emocionais. Nesse ambiente, a conexão com esses produtos se torna mais rápida, o consumo é uma fonte de renda, e essa arte se liga a outras manifestações na transmissão em diversos veículos, que carregam a mensagem com maior eficiência, deixando sua naturalidade pelo caminho, em sua pesquisa Borges discorre sobre a experiência humana nos meios digitais com o fluxo de conteúdos e a mudança no consumo.

Com o advento das tecnologias digitais a experiência temporal dos indivíduos sofreu mutações, tanto quanto a percepção espacial. O encurtamento das distâncias entre as categorias de Koselleck (2015), espaço de experiência e horizonte de expectativas, tem provocado consequências sobre a memória coletiva, agora construída com a intermediação dos meios de comunicação, assim como, na projeção de um futuro que se encolhe em um presente que se alarga e se lança rapidamente ao passado. (BORGES; GRÁCIO; RIBEIRO, 2024, p. 60)

Em uma sociedade onde tudo é consumido e deixado rapidamente no passado, o humano se torna item próximo de se tornar obsoleto e lento. Uma das consequências dessa necessidade de produção é a desumanização das cantoras, a forma como uma imagem pode ser vendida e controlada para agrado de um grande público. Em uma extensão disso, sua arte pode ser barrada, impedida, editada e modificada em suas questões centrais. As cobranças irrealistas das gravadoras podem interferir na conexão dos fãs de uma maneira direta, clara e impessoal. Nessa relação, as artistas encontram formas de se impor, mesmo que ainda sofram com bloqueios e impedimentos como uma das artistas estudadas a Halsey, que não conseguiu lançar seu novo álbum após *The Great Impersonator*⁴, por ter ganhos menores que seu maior sucesso, *Manic*⁵ de 2020.

A conexão entre o artista e quem é atingido por sua obra se torna produto, e por consequência um artigo do mercado. Essa ligação torna a arte criada capaz de ser vendida e comercializada por grandes empresas, as gravadoras, que financiam essa produção esperando algum retorno financeiro. Porém, existe um ponto difícil de ser mensurado: o impacto dessas mensagens no público se torna uma incógnita.

4. The Great Impersonator - Tradução: A Grande Impostora

5. Manic - Tradução: Maníaca

As vozes e influências dessas figuras podem levar a uma série de movimentos culturais e sociais. Como aponta a pesquisa, *Sister Rosetta Tharpe e a Gênese do Rock'n'Roll*, desenvolvida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rosetta inspirou dois grandes movimentos, o *Rock in Roll* e o *Punk* na Inglaterra. O que começou como música gospel se tornou hino de resistência de diversas comunidades, com cantos de escravos sobre fé, força, luta e dores próprias e de seus antepassados. Sua força foi o início de um dos maiores movimentos sociais e culturais do mundo, no qual a luta por um sistema melhor, e até mesmo por seu fim, são suas marcas, herdadas, acredita-se, de sua fonte de criação.

O Jornalismo Cultural é o foco deste trabalho, os textos aqui produzidos e com ele as análises teóricas vem de reflexões sobre a cultura difundida. Sendo, um ramo, além da crítica a obras, partiu para a cobertura de momentos sociais em diversos aspectos da arte, onde a cultura é levada como sistema de valores, normas, rituais e símbolos para determinado momento e sociedade. No contexto, o jornalismo cultural tem duas coberturas: a organização da mídia e da própria cultura como sistema.

Longui (2024), ao pensar nesse formato de mídia, descreve uma constante construção de imagens onde a significação desses momentos é fundamental. A influência gerada dentro de quadro geral de valoração, é capaz de ser manipulada e controlada, em prol de gerar um produto com renda de capital com tudo que se liga ao ser humano. Isso impacta diretamente no assunto que trata anteriormente, a desumanização, apenas o que é visto pelo grande público importa aos investidores, gerando a redução do valor de uma pessoa a uma mera máquina que precisa manter o sistema de lucro. E nesse sistema, vemos mais uma vez uma luta, não apenas de classes.

2.5 A luta feminina

Ao discutir sobre a história do feminismo e a produção de cultura por mulheres na literatura, Constância Lima Duarte reflete em como o movimento engloba toda e qualquer ação que tenha como objetivo principal a luta contra a opressão direcionada à mulher. Diante disso, atos diários e comuns, como o simples fato de uma mulher trabalhar e receber seu próprio salário, já se configuram como atos legítimos de batalha. Essa resistência cotidiana ainda é necessária porque a sociedade atual carrega um histórico cultural que objetifica as mulheres e mantém um tratamento desigual entre os gêneros.

4. The Great Impersonator - Tradução: A Grande Impostora

5. Manic - Tradução: Maníaca

Esse avanço histórico acabou cruzando o caminho do mercado. O sistema de produção da arte as transforma em mercadorias padronizadas, feitas especificamente para gerar lucro e distração para a população. Na década de 1960, a música popular virou o principal ponto de discussão sobre comportamento, moral e juventude. Jardim Pinto pontua que, nesta década, a música trouxe a chance de mulheres e homens discutirem as relações de poder. Nesse momento a indústria musical percebeu o potencial comercial dessas pautas e transformou o desejo de liberdade feminina em produtos vendáveis, como discos, shows e vestuário. Criando uma parte para as cantoras que vivem em uma corda bamba e sob uma constante tensão. A escritora Célia traz uma visão contundente aos tipos de pensamentos e aceitação dos discursos feministas.

"Quando uma mulher fala, sua fala tem uma marca: é a fala de uma mulher; quando uma mulher feminista fala, tem duas marcas, de mulher e de feminista. A recepção destas falas por homens e mulheres tende a ter a mesma característica, é a recepção de uma fala marcada, portanto particular, em oposição à fala masculina/universal" (PINTO, Céli Regina, p. 6, 2010)

Existem dois cenários, um deles é o que leva à presença sem identidade, caracterizado por cantoras que geram renda, mas que em suas produções musicais continuam reproduzindo os velhos padrões de objetificação e machismo estrutural. Por outro lado, há a presença com personalidade, composto por artistas que utilizam sua fama e independência financeira para pautar assuntos sérios. Por fim, a diversidade de perspectivas ocorre quando cantoras de diferentes realidades sociais, trazem histórias de vida que quebram os padrões estabelecidos e dominantes. Elas colocam em prática o que Iris Young comenta, as "experiências diferentes, histórias e conhecimento social derivados de suas posições na estrutura social" (Young, p. 7, 2006).

Mesmo entendendo que a Indústria Cultural tente construir a imagem feminina para vender mais, a conquista da autonomia financeira e o domínio do próprio trabalho permitem que as mulheres desafiem esse controle. O palco deixa de ser apenas uma vitrine de comércio e atende ao que a autora defende no encerramento de seu texto, para Céli Regina é "um programa para dar voz às mulheres, para construir espaços para que as mulheres falem" (p. 1). A música se transforma, dessa maneira, em um verdadeiro espaço de fala e em uma ferramenta de emancipação real para as mulheres na sociedade atual.

3. Metodologia

Na criação deste material, a pesquisa uniu esta metodologia. A fundamentação dos textos foi extensa em leituras de sites jornalísticos especializados em cultura musical como *Rolling Stone*, CNN Brasil, G1 e *TIME*, também com a leitura de artigos publicados contendo estudos de jornalistas, músicos e historiadores. Um deles sendo, “Quando o Gospel Criou o Rock: a história silenciada de Sister Rosetta Tharpe”, do professor José Luiz Domingues (2025). As leituras se mantiveram por todo o processo de escrita e montagem.

As entrevistas e falas como gravação de Halsey a *Apple Music* foi utilizada de base para captação do tema central da crônica, como a Indústria Cultural barra a arte e afeta a vida dos cantores, não se importando com problemas de saúde, desumanizando as cantoras. Um processo que tira a autonomia, e rouba do público a arte. Em outros textos segundo Cremilda Medina, jornalista e professora universitária, a técnica de entrevista aberta, chamada por ela de "Diálogo Possível".

"Quando entrevistado e entrevistador saem alterados do encontro, a técnica foi ultrapassada pela intimidade entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada área nebulosa da experiência humana." (Medina, 1990).

Diante dos objetivos das entrevistas, adotou-se como procedimento metodológico a entrevista aberta e em profundidade, orientada metodologicamente pelas premissas de Medina (1990) citadas anteriormente. Justifica-se pela necessidade de transcender a mera coleta linear de dados emocionais, priorizando o acolhimento das subjetividades e das construções discursivas dos sujeitos entrevistados. Neste modelo não tivemos o uso de questionários rígidos e padronizados em prol de um fluxo fluido e flexível. Essa abordagem permitiu estabelecer uma relação aberta e emotiva, assim como de alteridade (Eu-Tu), em que os entrevistados dispusessem de autonomia para organizar suas memórias, afetos e narrativas. Unindo pesquisa documental, dados estatísticos e abordagem qualitativa.

A coleta de dados envolveu o monitoramento da artista na *Billboard 200* e o mapeamento das denúncias diárias de racismo no Brasil, com base em índices oficiais do Governo Federal de 2024. Além disso, uma entrevista gravada em outubro de 2025 com a

6. "*We Found Love*" - Tradução: Nós Encontramos o Amor - "*If I'm in Love*" - tradução: Se Eu Estiver Apaixonada

interlocutora Jéssica Raiane serviu de base analítica. O relato de sua trajetória e sua conexão com as músicas "*We Found Love*"⁴ e "*If I'm in Love*"⁶ evidenciaram o impacto da artista na vida de mulheres negras.

6. "*We Found Love*" - Tradução: Nós Encontramos o Amor - "*If I'm in Love*" - tradução: Se Eu Estiver Apaixonada

4. Produto

Este projeto foi elaborado por composto por seis textos pertencentes ao jornalismo opinativo e cultural com cada texto sendo um estilo único e podendo ser lido separadamente, produzidos para ter sentidos fechados. Cada texto contém a média de duas páginas de texto escrito, sem adição de imagens, vídeos e áudios, e com considerações variadas sobre cada figura abordada e seus temas próprios com uma abordagem crítica e reflexiva.

As análises críticas buscaram um formato que unisse a literatura ao jornalístico, observando as histórias sobre as estrelas e personalidades diversas buscando entender a influência das narrativas. Nesta pesquisa a abordagem no impacto de diversas famosas como Rosetta Tharpe, Rihanna, Halsey, Sabrina Carpenter, Shakira e Amy Winehouse. Olhando cada uma dessas figuras viveram e vivem, levando isso a uma reflexão de quem as conhece e como seu impacto foi para além de seu trabalho.

O *Longform* carrega um *design* pensado com elementos da música como fitas cassetes, papéis com letras pensadas para lembrar escritos das canções, a lua e flores como itens referenciando nas obras das artistas, e manchas amarelas representando um toque de cor. As cores principais são preto, branco, amarelo e roxo, elementos representativos das lutas, mortes e contexto das artistas, assim como as *playlists* montadas para compor as narrativas e reflexões. Dentro do *Longform* para facilitar a construção de cenários, ambientes e ideias de reflexão, através de recursos variados como imagens, vídeos e fotos, e permite a criação de um estilo estético próprio.

As Fotomontagem para cada artista tem suas referências baseadas nas obras de cada uma, em seus respectivos capítulos as explicações dos elementos vai ser colocado. Contudo, existem similaridades como fundos em alguns pares de imagens, quadros de imagens, o estilo de colagem com papéis escritos remetendo a letras de canções escritas em um estilo de composição em colagem. O aplicativo utilizado foi o Canva, para a produção de todas as imagens descritas como “produto original”, utilizando a função de post de Instagram, para ter qualidade de imagem.

Os elementos em texto são vídeos, montagens, áudios, música e recortes de notícias relacionadas ao tema. Cada um destes compõe a multimodalidade que o *longform* possibilita ao jornalismo e são utilizadas como ferramentas ditas como tais nos estudos já citados de Longhi em seu trabalho em 2024. Esses critérios foram colocados utilizando o Sistema de

Gestão de Conteúdo nomeado como *Wix*, que permite controle da colocação dos escritos e imagens sem precisar da compreensão de programação.

Ao pensar e elaborar as as narrativas, o critério adotado foi as narrativas, o critério se baseou em diversos fatores, conteúdo histórico. Como cada uma delas tem uma vida de lutas e como isso afeta seu público, o maior exemplo é Rosetta Tharpe. Ao coletar dados, histórias de vida e como isso foi abordado pela mídia, com um elo que se ligasse às entrevistas. Outro ponto importante foi a não repetição dos temas, algumas figuras como Raye, foram retiradas por terem similaridades com outras, nesse caso Halsey em sua luta contra a indústria. Outro guia foi a conexão desta pesquisadora na conexão com cada uma das artistas e minha forma de pensar sobre suas carreiras.

As pesquisas que fundamentaram cada parágrafo foram extensas em leituras de sites como *Rolling Stone*, CNN Brasil, G1 e *TIME*, mas não se fixando apenas nesses materiais, procurando por artigos publicados contendo estudos de jornalistas, músicos e historiadores. Um deles sendo, Quando o Gospel Criou o Rock: a história silenciada de Sister Rosetta Tharpe, de José Luiz Domingues. Indo a entrevistas e falas como gravação de Halsey a *Apple Music*, Halsey: The Zane Lowe Interview, um material que será citado à frente.

No início da produção do estilo, os questionamentos sobre qual seria o resultado final. O público alvo escolhido, foi jovens e adultos entre os 15 aos 40 anos, leitores de canais como Capricho e *Rolling Stone*, que buscam por narrativas e curiosidades das personalidades abordadas. Essa escolha de faixa etária afeta diretamente na escrita, misturando e criando um estilo de escrita acessível aos mais novos, assim como cativante para fácil aceitação desse material, com toques de reflexão, referências históricas, humor e opinião como o material “Chappell Roan fala sobre desentendimento com fotógrafo no VMA”. Sendo assim a abordagem mais coloquial e próxima do leitor foi adotada por marcas de digitação online como “meu caro vagalume”, “bjs” e “meu senso de humor é mórbido”.

4.1 Sister Rosetta Tharpe

Rosetta foi uma das descobertas mais importantes deste trabalho, descobrir a história deste ícone foi revelador em muitas questões, sobretudo como os jornalistas tentaram reparar historicamente o legado desse ícone. Seu apagamento foi claramente fruto de racismo, machismo e uma cultura que preferia ídolos brancos. Nesta pesquisa sobre a figura histórica,

José Luiz Domingues, pesquisador e titular da Universidade Federal de Goiás, define lindamente Rosetta, “uma artista que habitou... esse espaço simbólico onde o sagrado e o profano não se anulam, mas se interpenetram”. Essa frase resume a criação dessa artista, que transformou hinos de igrejas em um grito que alimenta gerações, mas em sua voz, nunca perdendo sua fé.

A composição artística que começou no sagrado e aos poucos ganhou novos formatos e colocações. No mesmo estúdio de Domingues (2025), ele coloca a virada entre as mensagens em 1944, com o lançamento de “*Strange Things Happening Every Day*”⁷, sendo colocada como a primeira gravação de *Rock in Roll*. Sendo uma excelente contribuição ao capítulo A vida e a batalha. Em suas apresentações sendo uma figura de desafio ao próprio sistema que tentou apagar, uma força carregada por quem entenderam a sua mensagem.

A estética que une a literatura ao jornalismo opinativo, dentro do subgênero da crônica. As técnicas narrativas pavimentam uma forma de ir além da informação pura, adicionando a crítica do jornalismo de opinião, transformando a trajetória de Sister Rosetta em um ponto de partida para reflexões existenciais e ensinamentos que conectam o passado ao presente, em perfeita consonância com os critérios de intencionalidade educativa propostos pela teoria dos gêneros jornalísticos do jornalista José Marques de Melo.

A imagem feita como abertura do texto foi construída com influências de colagens e pichações do *punk* inglês, arte de rua na composição das letras e textura de parede como fundo com manchas de letras. As fotos sem fundo, foram colocadas para referenciar a vida e carreira da artista em diferentes fases, assim como a imagem principal sendo o famoso vestido de lantejoulas, usado em uma das gravações de televisão onde Roseta canta ao vivo para o público. As imagens colocadas são dos seus shows e apresentações mantidas em arquivos e preservadas.

A escolha de sua comparação a Hipátia, é fruto das histórias compartilhadas contra a opressão, manutenção de direitos e pelo conhecimento que tentaram apagar. Nas narrativas de ambas, vemos figuras masculinas reduzindo seu valor, suas marcas, conquistas e criações passadas aos demais pelos talentos e conhecimentos.

4.2 A resiliência de Rihanna

Este subcapítulo em análise investiga a figura da artista, CEO e empresária Rihanna, abordando sua transição de carreira, o impacto cultural de sua obra musical, com destaque

7. *Strange Things Happening Every Day* - tradução: Coisas Estranhas Acontecendo Todos os Dias

para a longevidade mercadológica do álbum *Anti* (2016). Tendo em observação principalmente o papel de sua imagem pública na discussão sobre maternidade, violência à mulher e a importância de figuras negras no poder em luta contra o racismo. A abordagem desse material, foi inspirado em reportagens da Capricho como a já citada “Chappell Roan fala sobre desentendimento com fotógrafo no VMA” produzida por , com a manutenção das notas presentes como um padrão em todos os produtos.

As falas gravadas e utilizadas na grande reportagem são de Jéssica Raiane Pereira dos Santos, uma mulher negra, universitária e grande fã da Rihanna, sua entrevista foi gravada em ligação na noite do dia 7 de outubro de 2025, com poucas interrupções. O texto relaciona a projeção global da artista com a vivência de mulheres negras no contexto brasileiro, buscando transformar a análise biográfica em um panorama sobre representatividade, confronto do racismo estrutural e incentivo à denúncias da violência doméstica.

O formato textual adotado ancora-se no gênero da crônica biográfica, caracterizado por hibridizar a narrativa dos fatos públicos das artistas com reflexões de cunho social, cultural e pessoal seguindo a teoria de José Marques de Melo (2003). Esse formato viabiliza uma abordagem humanizada e sensível, permitindo que temas áridos como a violência de gênero sofrida por Rihanna em 2009 e os desdobramentos jurídicos subsequentes sejam tratados sem perder o rigor da denúncia contra a impunidade. Através da crônica, estabelece-se um paralelo fluido entre a biografia da celebridade e o cotidiano das leitoras, transicionando de forma orgânica entre os episódios de dor e os momentos de emancipação.

A construção desta narrativa nasceu do desejo de entrelaçar relatos, denúncia social e sensibilidade estética. A construção desta grande reportagem se divide em: imersão na história da artista, o resgate das cicatrizes históricas da sociedade e a escuta atenta da entrevistada. As notas com opiniões e reflexões surgiram durante o processo de escrita. A crônica foi pensada pela indignação diante das falas da entrevista de Jéssica, um dos pontos mais importantes foi o caso de violência doméstica que a cantora sofreu em 2009, onde o agressor teve uma condenação abaixo do esperado. Ao integrar no texto o objetivo de mostrar a força de exemplo, na luta contra as diversas violências causadas por séculos de agressões raciais e de gênero. O resultado é uma obra de Rihanna que deixa de ser mero

8. *If I Can't Have Love, I Want Power* - Tradução: Se Eu Não Puder Ter Amor, Eu Quero Poder

9. Britney Spears foi um grande ícone cultural, sendo referência a diversos artistas, seu trabalho ainda é muito referenciado por cantoras como Halsey.

entretenimento e passa a ser retratada como trilha sonora de sobrevivência, um refúgio poético que abraça e instiga o debate público.

O critério de seleção da personagem guiou-se pela força de sua autenticidade e pela recusa histórica de ceder a violência. Esta pesquisadora considera-a uma força capaz de representar uma natureza que veio de uma realidade diferente da que se encontra, uma realidade vulnerável em um país subdesenvolvido, e conquistou o topo do mundo orgulhando-se de sua negritude. A escolha fundamenta-se no poder do exemplo: ao mostrar-se vulnerável e ao mesmo tempo, enfrentando publicamente traumas e processos judiciais sem medo de se defender, Rihanna desconstrói a narrativa cultural de submissão e promove um senso de espelhamento e empoderamento para outras mulheres negras, mas a comunidade LGBTQAPN+. Os fãs que a escutam e se inspiram nela para dentro e fora das músicas em seu exemplo tanto dentro da música como fora desse espaço com suas empresas.

A metodologia aplicada para a construção deste capítulo compreendeu pesquisa documental, análise de dados estatísticos e abordagem qualitativa por meio de entrevista semiestruturada. O levantamento de dados incluiu o monitoramento do desempenho mercadológico da artista na parada *Billboard 200* e o levantamento de dados oficiais de violência no Brasil, utilizando registros do Governo Federal relativos ao ano de 2024 para quantificar as denúncias diárias de racismo. Complementarmente, uma entrevista gravada em outubro de 2025, com a interlocutora Jéssica Raiane Pereira dos Santos, cuja narrativa de vida e relação com músicas específicas, como "*We Found Love*" e "*If I'm in Love*", serviram de base para validar o impacto da artista na vida de mulheres negras.

As ferramentas utilizadas foram as plataformas de comunicação e gravação digital dos aparelhos e o site transcriptor para transcrição da entrevista. Para o embasamento teórico, foram escolhidos dados governamentais e ferramentas de busca de indicadores oficiais, destes retirados a imagem de pesquisas e números utilizados com créditos adequados. Assim como diversas matérias sobre sua vida e notícias que contam os grandes acontecimentos de sua trajetória. A linguagem e a revisão textual atuaram de forma central como ferramentas de intervenção, transformando a palavra escrita em um instrumento de resgate histórico,

8. *If I Can't Have Love, I Want Power* - Tradução: Se Eu Não Puder Ter Amor, Eu Quero Poder

9. Britney Spears foi um grande ícone cultural, sendo referência a diversos artistas, seu trabalho ainda é muito referenciado por cantoras como Halsey.

denúncia social em narrativas de sofrimento e emancipação da população negra contemporânea.

4.3 Halsey: o sonho que vira dor

Uma demonstração da lógica do mercado colocando a arte, apenas como um produto a ser vendido é o caso de artistas como Halsey, em entrevista ela confrontou e contou sua realidade com as gravadoras. Em seu depoimento falou como a *Columbia Records* a dispensou depois de dez anos de carreira por o álbum *If i can't have love i want power*⁸ com bom desempenho, mas abaixo do seu sucesso anterior *Manic*.

Este trabalho sobre Halsey, está em formato de crônica, focada na história de artistas e nos bastidores da música. A escolha da crônica serve para humanizar os artistas, misturando informação com uma escrita mais sensível. No capítulo sobre a cantora Halsey, intitulado "Halsey: o sonho que leva a dor", o *storytelling* é usado para mostrar o contraste entre o sucesso no pop e o sofrimento causado por doenças crônicas e pela pressão da indústria.

O processo de criação do texto sobre a Halsey aconteceu em três etapas. Primeiro, houve uma imersão em falas da cantora em entrevistas como a utilizada feita no canal da *Apple Music*, em seguida nas músicas e letras do álbum *The Great Impersonator* (2024). Os temas de maternidade e medo da morte são partes fundamentais do trabalho, porém o foco são os fatos da vida da cantora que foram cruzados com as cobranças que ela sofria por lucros. Por fim, o texto foi escrito para mostrar como sua vida se segue nessas situações.

Na construção desse produto, o uso das entrevistas feitas pela própria cantora, como a concedida a Zane, para a *Apple Music*, foram fundamentais para construir a ideia central e sua temática. A abordagem escolhida foi um artigo de opinião, um formato ideal para a entrega dos argumentos e questões da figura central. O centro da narrativa começa no ano de 2020 e se estende até 2026, neste recorte de 6 anos na vida da Halsey, trouxe assuntos como: as diversas formas que os sonhos podem te levar a uma realidade dolorosa, e como a indústria pode impedir a arte de ser difundida.

8. *If I Can't Have Love, I Want Power* - Tradução: Se Eu Não Puder Ter Amor, Eu Quero Poder

9. Britney Spears foi um grande ícone cultural, sendo referência a diversos artistas, seu trabalho ainda é muito referenciado por cantoras como Halsey.

A escolha da Halsey aconteceu por sua importância cultural e pela complexidade de sua história. Ela representa a geração de artistas que foi influenciada por artistas como Britney Spears⁹ e conquistou o topo do mercado musical misturando pop, rock e alternativo.

8. *If I Can't Have Love, I Want Power* - Tradução: Se Eu Não Puder Ter Amor, Eu Quero Poder

9. Britney Spears foi um grande ícone cultural, sendo referência a diversos artistas, seu trabalho ainda é muito referenciado por cantoras como Halsey.

Além disso, a vida dela serve como um exemplo real de como problemas de saúde, questões familiares e cobranças do público afetam diretamente a carreira de mulheres na música. A pesquisa para esta crônica foi feita por meio de levantamento de dados e análise de notícias e falas da artista. Foram coletados números materiais do álbum de 2024, como as vendas na parada *Billboard 200*, vendas de discos e CD's. Também foram analisadas críticas da imprensa especializada, como citada no anexo 5, como os textos de Rob Sheffield na revista *Rolling Stone*. Para fechar, entrevistas da própria artista no YouTube e desabafos em redes sociais foram usados para entender o ponto de vista dela sobre as gravadoras e os fãs.

As ferramentas utilizadas na pesquisa foram plataformas de áudio, vídeo e redes sociais como *YouTube* e o *Instagram* onde foram encontradas entrevistas e declarações da cantora e seus relatos, assim como imagens de comemoração sobre as notas da crítica. Já o *Spotify* e a *Apple Music* foram usados para ouvir as músicas com atenção, analisar as letras e acompanhar o desempenho das faixas que fazem parte do foco deste capítulo.

4.4 Sabrina Carpenter

A produção deste perfil biográfico nasceu da união entre a escrita jornalística e uma pesquisa profunda. Para construir cada parágrafo, foi feita uma grande leitura de notícias em sites de peso. Além da pesquisa documental, utilizei a análise de conteúdo e mídia para abordar as trajetórias de Sabrina Carpenter e Miranda, examinando postagens na internet sobre o tema e depoimentos. A entrevista que deu base a produção foi realizada com Anna Júlia Caixeta Bueno, em uma conversa aberta e espontânea com algumas perguntas centrais já prontas. Posteriormente, transcrevi o áudio e selecionei os trechos mais marcantes para a narrativa. A escolha por essa temática e pela fonte baseou-se em três motivos principais: a transição de carreira da artista, suas performances na turnê atual e a conquista da independência como mulher e criadora dos produtos artísticos. Tudo isso vindo com um toque de humor e atualidade, mostrando como a busca feminina pela liberdade ganha novos desdobramentos na vida da cantora.

Ao citar a personagem Miranda Priestly, *O Diabo Veste Prada*, entrou como um contraponto e fundamento histórico cultural. Ela e Sabrina mostram caminhos diferentes de poder feminino: uma pela seriedade no trabalho e a outra pelo humor e pela sensualidade. A

visão do público com Anna Julia escolhida para representá-lo. Ela mostra como as garotas que cresceram nos anos 2000 foram marcadas por esses programas de TV.

4.5 Shakira: las mujeres ya no lloran*

Este texto se trata de uma grande reportagem dentro do *longform*, focada no perfil biográfico e analítico da cantora e compositora colombiana Shakira. O objetivo central do produto é documentar e analisar o impacto cultural da artista como um fenômeno que rompeu barreiras geográficas e linguísticas, consolidando a identidade e a musicalidade latina no cenário pop global. Por meio de uma narrativa aprofundada e de fôlego, a obra investiga como sua trajetória, onde suas produções dialogam com o feminismo, dinâmicas de mercado e o fortalecimento do orgulho latino-americano frente à hegemonia cultural norte-americana.

A escolha do gênero textual da grande reportagem jornalística, dentro da estrutura do *longform*. Esse formato permite ir além do factual, conferindo ao autor a liberdade de analisar a trajetória da artista. O formato viabiliza o uso de metáforas e analogias conceituais — como a expressão referente a Shakira como “uma força da natureza” e “um monólito”. As ideias foram um resultado em que ela transformou eventos de sua vida pública e privada, como o uso da música como ferramenta de desabafo e emancipação de imagem após seu divórcio, em um objeto de estudo sobre a adaptabilidade feminina na mídia contemporânea.

O processo de criação do texto desenvolveu-se em três etapas fundamentais: o planejamento temático, a redação literária e a revisão estrutural voltada ao formato *longform*. Inicialmente, indo a organização cronológica dos marcos da carreira da biografada, desde suas primeiras produções fonográficas na década de 1990, como o álbum inicial “*Magia*” até suas composições mais recentes. Em seguida, o foco foi conectar a biografia pessoal da artista à sua discografia atual.

Os critérios de escolha desta cantora como objeto central desta narrativa foram pela sua relevância histórica, pioneirismo de mercado e capacidade de influência cultural nas Américas. A artista foi escolhida por figurar como o maior ícone do pop latino de todos os tempos, servindo como um elo cultural duradouro com o público brasileiro ao longo de mais de três décadas de proximidade e carinho mútuo, estabelecidos muito antes de sua apresentação histórica em Copacabana. Sua capacidade de transitar entre diferentes idiomas

mantendo o orgulho de suas origens justifica sua escolha como o principal símbolo da quebra de barreiras socioculturais e da globalização da latinidade.

A metodologia de pesquisa qualitativa dá ênfase bibliográfica e documental voltada à carreira da artista. O levantamento de dados envolveu o mapeamento de figuras históricas sobre a internacionalização da cultura latina, a análise dos prêmios e vendas dos álbuns históricos, como "*Dónde Están Los Ladrones?*"¹⁰, um dos discos latinos mais vendidos em solo estadunidense. O acompanhamento de premiações no Grammy realizou uma análise de discurso leve em seus lançamentos musicais recentes e notícias de sua vida. O uso de sua imagem pública como respostas artísticas e mercadológicas a eventos pessoais, integrando a recepção do público e a cobertura da mídia especializada na consolidação de seu legado.

Para a execução deste projeto, utilizou-se um conjunto de ferramentas tecnológicas voltadas à pesquisa, armazenamento e edição de texto como *Google Acadêmico*, leituras de notícias e transcritor de áudio. Locais de pesquisa em sites foram empregados para a coleta de referências históricas e dados sobre a carreira da cantora. Adicionalmente, plataformas de streaming de áudio, vídeos e editores de imagem como o *Wix*, *YouTube* e *Canva*, serviram como ferramentas essenciais de apoio na produção audiovisual, sonora e visual na obra.

4.6 Amy: quando a angústia vence

O produto textual configura-se como um perfil biográfico de caráter analítico e memorialístico, centrado na trajetória da cantora Amy Winehouse e no seu impacto psicossocial na vida de um interlocutor específico, Carlos Adão. A narrativa articula a cronologia da artista indo de seu sucesso fonográfico, as dinâmicas de relacionamentos tóxicos e a vulnerabilidade diante da dependência química. Os dados sobre a saúde mental no cenário de sua carreira em seus últimos meses de vida, por meio dessa visão, que busca humanizar o sofrimento psíquico e ilustrar como a identificação com a vulnerabilidade do ídolo atuou como um fator de suporte emocional e posterior direcionamento profissional para o fã em questão.

O formato caminha com o jornalismo literário e no ensaio biográfico, gêneros que permitem a fluidez entre o rigor da apuração factual e a sensibilidade da crônica. O estilo textual predominante é o narrativo-descritivo, intercalado com passagens expositivas e

10. *Dónde Están Los Ladrones?* - tradução: Onde Estão os Ladrões?

argumentativas ao introduzir dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). O trabalho incorpora a transposição de linguagem sonora para a textual por meio de recortes de entrevistas transcritas, técnica que confere multimodalidade ao texto e preserva a oralidade e a autenticidade do relato de Adão.

O processo de criação teve três etapas: imersão documental, entrevista em profundidade e composição textual. Inicialmente, realizou-se procedeu-se à condução e gravação da entrevista com o sujeito focal, cujo depoimento gerou o material empírico sobre a recepção afetiva da obra da cantora. Em seguida, o levantamento cronológico da carreira da artista para delimitar os marcos históricos de sua ascensão e queda. Por fim, a etapa de redação buscou entrelaçar a biografia pública da estrela, os dados de saúde pública e as memórias afetivas do entrevistado, construindo uma narrativa linear que culmina na análise do legado da artista.

A escolha de Amy Winehouse como objeto de estudo pautou-se em critérios de relevância cultural, intensidade do fenômeno da recepção midiática e representatividade da saúde mental. A artista traz a problemática do "Clube dos 27", uma definição da internet para um grupo de artistas que tiveram falecimentos trágicos antes, ou durante seus 27 anos. Sob uma ótica atual, marcada pela perseguição e ataques agressivos da mídia e por um grande isolamento social vindos da fama. O fator determinante para sua inclusão neste capítulo, contudo, foi o critério da vinculação emocional de uma conexão profunda, documentada e transformadora entre a trajetória da cantora e a busca por ajuda do entrevistado que integra a pesquisa.

A metodologia aplicada para a construção deste capítulo subdividiu-se em pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e estudo de caso de abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica e documental sustentou a reconstituição histórica da vida da cantora, recorrendo a biografias, registros de turnês (como os shows realizados no Brasil em 2011) e dados estatísticos da OMS para contextualizar a depressão.

O estudo de caso qualitativo materializou-se por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada com o interlocutor, cujo conteúdo foi analisado sob a ótica da análise de conteúdo, isolando os núcleos de sentido voltados à identificação, ao luto e à resignificação da dor através da arte. A entrevista contou com a presença de fã, Carlos Adão, que teve

grande impacto recebido dos anos de carreira da artista e sua morte. A captação de áudio e site de transcrição para retirada das falas.

5. Memorial

O trabalho começou a ser desenvolvido um ano antes do processo acadêmico, em 2024, com a ideia de um site onde poderia publicar meus textos longe de grandes editorias. Essa ideia permaneceu em minha mente desde então apenas se estruturando com mais detalhes como o nome do site Um papo ou dois e a ideia de *design* com a estética de colagens que já tinha prática. Porém, nunca encontrava um destino certo aos textos, sem um foco forte para as produções e não tinha uma noção de como realmente faria.

Em um ano, no mês de junho de 2025, com uma extensa leitura sobre os temas relacionados como indústria cultural, jornalismo e sociedade, jornalismo no Brasil e pesquisa sobre apenas uma das artistas, Halsey. Quando a primeira ideia fixa surgiu, seria um livro-reportagem com apenas essa personagem, no começo não tinha decidido se iria para os formatos de perfil, crônicas, ou biografia. O estilo de texto ainda era algo com pouca robustez e forma definida, não sentia que tinha apenas a ideia inicial de algo, mas não um ponto fundamental para começar. Me aprofundi em pesquisas diversas para compreender mais o tema, Indústria Cultural, jornalismo brasileiro e outras questões teóricas.

Me sentia perdida em tantas possibilidades e sem um caminho que sentisse um desenvolvimento adequado à narrativa que idealizava e tentava construir. Em agosto, após o primeiro encontro com a orientadora Carol Goos, me vi com mais destinos. Nossa reunião me mostrou mais personalidades e a cada reunião me sentia mais perdida no quanto conseguia realmente produzir sobre cada, foram mais de quatro meses em leituras muito grandes de materiais biográficos com uma busca constante de figuras e o que poderia me levar ao que desejava para o projeto. Cheguei a escrever rascunhos confusos sobre famosas que nem chegaram ao material final, esses textos chegam a mais de dez páginas não utilizadas.

Estamos em dezembro de 2025, o processo de descobrir o estilo dos textos se deu por tentativa e leituras repetitivas, assim como conversas nas orientações onde recebi a ideia de fazer notas de comentários para dar mais da minha opinião sobre determinados assuntos. Foram inúmeras tentativas onde não sentia que tinha conquistado o que procurava. O processo seguiu com desenvolvimento contínuo, ainda na iniciativa de um livro-reportagem. Ali, notei que gostava de um estilo dos materiais da Capricho como “Chappell Roan fala

sobre desentendimento com fotógrafo no VMA”, suas produções cômicas e críticas sobre famosos me deixaram cativada pelo formada por jornalistas e com um ar mais leve e cômico.

Tive um período de pausa do projeto, uma infelicidade familiar no dia 3 de novembro, a morte de minha avó materna me levou a um estado de dor profunda, que me impediu de conseguir escrever algo com muito afinho e longo desenvolvimento. Um estado emocional de cansaço me tomou por muitas semanas, me fazendo escrever pouco.

Por volta do final de dezembro, me sentia encurralada, onde ainda não me sentia satisfeita e cada dia parecia mais próximo do final do prazo. Notei que um livro, não seria algo que conseguiria, e o início com diversas tentativas de teórico com minhas dúvidas constantes sobre cada ponto possível nesse processo me deixaram em um estado de estagnação com tudo que tinha planejado.

O início de 2026 foi intenso, o estágio estava pedindo muito de mim e ainda captava as entrevistas e começava a modificar os materiais primordiais, que pareciam como minha orientadora disse: “Parece um monte de dados”. Me perdi em prazos e em formas de fazer isso, mas o último mês foi intenso, foi produtivo e consegui entregar os materiais previstos.

6. Considerações finais

A elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, materializado no *longform* Um papo, ou dois, permitiu a união entre a fundamentação teórica do jornalismo cultural e as narrativas do formato *longform* (pp. 5, 8). Ao longo do desenvolvimento do projeto, buscou-se ir além da mera cobertura factual ou da crítica superficial da indústria fonográfica, utilizando as trajetórias de Sister Rosetta Tharpe, Rihanna, Halsey, Sabrina Carpenter, Shakira e Amy Winehouse como lentes para discutir problemáticas sociais urgentes, como o racismo estrutural, a violência de gênero, a mercantilização da arte e as pressões estéticas e psicológicas impostas às mulheres no cenário cultural contemporâneo (pp. 5, 11, 17, 19).

Os resultados obtidos com a produção das crônicas e artigos de opinião demonstraram a importância de se adotar o conceito de "narrativas-vida" em detrimento do imediatismo das "narrativas-fórmula" que imperam no *hard news* explorado por Longhi (2024) (p. 10). O espaço ampliado do jornalismo literário e do *storytelling* digital possibilitou conferir humanidade e profundidade às biografias analisadas, aproximando a vivência dessas grandes estrelas internacionais da realidade cotidiana e das dores de suas ouvintes e fãs (pp. 10, 18). A resposta de entrevistadas e o cruzamento com dados estatísticos e teóricos reafirmaram que a música pop atua não apenas como entretenimento de massa, mas como uma poderosa ferramenta de emancipação política, representatividade e resistência histórica feminina (pp. 11, 18-19).

Do ponto de vista prático e tecnológico, a execução do produto no Sistema de Gestão de Conteúdo *Wix*, integrada ao design multimodal construído através do Canva, procurando alcançar o público-alvo de jovens e adultos entre 15 e 40 anos (pp. 15-16). Elementos visuais como a estética de colagens, fitas cassetes e manuscritos em papel, somados a recursos sonoros e audiovisuais, enriqueceram a experiência de leitura, aliviando o cansaço do consumo de textos longos na internet. O uso da inovação no ciberjornalismo reside na capacidade de engajar sem perder o rigor da apuração e a conexão ética (pp. 11, 15-16).

Esse processo de expansão do jornalismo — que transiciona do papel para as plataformas digitais multimodais — não altera o seu propósito ético central, mas amplifica o seu alcance, adaptando a profundidade investigativa às novas formas de consumo da sociedade contemporânea, utilizando a tecnologia como a ferramenta que leva a mensagem mais longe, como o jornalismo busca.

A análise de cada pessoa artística confirmou que o sufocamento de gênero e a lógica mercado da indústria cultural se manifestam de formas diferentes, mas igualmente violentas, ao longo das décadas. No resgate histórico de Sister Rosetta Tharpe, é claro o apagamento promovido pelo racismo e pelo machismo institucional, revelando como a real criadora do *rock and roll* teve sua obra silenciada e levada por ícones brancos e masculinos (pp. 5, 16).

Em contrapartida, Rihanna é um exemplo para transformação da dor em emancipação; o estudo de sua trajetória e da entrevista de Jéssica, demonstrou como uma mulher negra vinda de uma realidade vulnerável pode subverter as estruturas de poder, sua imagem pública se tornou inspiração ao combate à violência doméstica e ao racismo estrutural (pp. 17-18).

A transformação agressiva da arte em mercadoria e a desumanização ganham contornos nítidos nos capítulos dedicados a Halsey e Amy Winehouse. A vivência de Halsey expôs a crueldade de um mercado que reduz a criação artística a métricas de lucro, ignorando diagnósticos de doenças crônicas e o direito à maternidade em nome do desempenho comercial (pp. 19-20). Esse cenário de exploração dialoga se liga com o trágico desfecho de Amy Winehouse, cujo sofrimento psicológico e angústia pessoal foram transformados em mercadoria tanto pelas gravadoras quanto pelo escrutínio midiático voraz que a perseguia, que preferiu lucrar com o espetáculo da autodestruição, ao invés de acolher a vulnerabilidade (pp. 5, 12).

Por fim, as análises de Sabrina Carpenter e Shakira mostraram a importância da imposição e autonomia feminina dentro da indústria pop. Carpenter exemplificou a ruptura com os moldes infantis e da “boa garota” da indústria cultural, utilizando o humor, a sensualidade e o domínio do próprio corpo como ferramentas de independência (p. 21). Da mesma forma, Shakira representou a força latina, se recusando ao papel tradicional de submissão diante do término e da exposição pública, canalizando a resposta afetiva em um manifesto de independência financeira e criativa que ecoa o lema contemporâneo de que as mulheres já não choram, faturam. Neste caminho a mídia propaga além da imagem, ela entrega uma ideia, uma possibilidade de ser algo fora desse padrão (pp. 4, 21).

Diante dessas trajetórias, a importância do jornalismo cultural vem como um agente de denúncia, preservação histórica e luta contra o silenciamento. É através dele que o profundo impacto da arte e a relevância do trabalho dessas artistas são devidamente

validados. A produção artística dessas mulheres molda comportamentos, quebra tabus e serve como espelho social, justificando o porquê de suas obras terem sua importância.

Essa relevância ganha vida na conexão profunda dos fãs com as histórias contadas tanto nas notícias como nas vozes delas mesmas. As canções e vivências analisadas deixam de pertencer apenas às artistas e passam a fazer parte da identidade de quem as escuta, criando redes de apoio e identificação mútua. Esse fenômeno assegura o impacto geracional do projeto: as mensagens de resistência de Tharpe ou a autonomia de Shakira e Carpenter cruzam as barreiras do tempo, mostrando como o legado cultural e o debate de gênero passam por gerações, transformando permanentemente a consciência coletiva de mães, filhas e novas ouvintes.

Por fim, o percurso acadêmico e pessoal revelou um processo difícil superado com resiliência e muitos momentos de choro em posição fetal, mas nada insuperável (p. 22). As mudanças de rota e pausas necessárias, a ideia inicial de um livro-reportagem focado em uma única artista, caminhou para a criação de um portal multiplataforma — e os percalços emocionais enfrentados na reta final evidenciaram que o fazer jornalístico é dinâmico e intrinsecamente ligado à sensibilidade do autor (pp. 22-23). Conclui-se, que o projeto cumpriu com objetivo, deixando como contribuição um modelo de jornalismo opinativo e cultural humanizado, capaz de resgatar memórias silenciadas e de fomentar debates fundamentais para a democratização e valorização das vozes femininas na sociedade (pp. 5, 8, 10).

Referências bibliográficas

BORGES, Gabriela; GRÁCIO, Rui Alexandre; RIBEIRO, Orquídea. Cidadania digital e culturas do contemporâneo. Coimbra: Grácio Editor, 2024.

BUENO, Anna Julia Caixeta. [Entrevista concedida a Isadora Carvalho Araújo]. Goiânia, 8 out. 2025. Entrevista gravada para fins de Trabalho de Conclusão de Curso.

CAVATTI, Gabriel dos Santos. Transformações da indústria musical na era das plataformas digitais: uma análise em termos de economias de rede. 2020. Dissertação (Mestrado em Economia) – Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020. ufes.br. Acesso em: 6 ago. 2025.

DEL BIANCO, Nelia R.; LOPES, Ruy Sardinha. O campo da comunicação. São Paulo: Socicom Livros, 2020.

DOMINGUES, José Luiz. Quando o gospel criou o rock: a história silenciada de Sister Rosetta Tharpe. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 9., 2025, São Leopoldo. Anais [...]. São Leopoldo: Faculdades EST, 2025.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, set./dez. 2003. scielo.br. Acesso em: 24 maio 2026.

DUARTE, Samara Ribeiro. Sister Rosetta Tharpe e a gênese do rock'n'roll. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. ufrj.br. Acesso em: 28 maio 2026.

ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, 2020. (Série Debates).

FERREIRA, Arthur. Chappell Roan fala sobre desentendimento com fotógrafo no VMA. Capricho, 12 set. 2024. abril.com.br. Acesso em: 29 maio 2026.

HOHLFELDT, Antonio. As possíveis interações do Jornalismo com as Ciências Humanas e Sociais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2005. intercom.org.br. Acesso em: 21 fev. 2026.

LONGHI, Raquel Ritter; FLORES, Ana Marta M. Narrativas webjornalísticas como elemento de inovação: casos de Al Jazeera, Folha de S.Paulo, The Guardian, The New York Times e The Washington Post. Brazilian Journalism Research, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 21–41, jan./abr. 2017. <https://sbpjr.org.br>. Acesso em: 2 nov. 2025.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. A evolução multimodal do longform: formatos digitais que consolidam o jornalismo lento. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 33., 2024, Niterói. Anais [...]. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2024.

LOWE, Zane. Halsey: The Zane Lowe Interview. Entrevistada: Halsey. [S. l.]: Apple Music, 18 set. 2025. 1 vídeo. apple.com. Acesso em: 25 jan. 2026.

MARINHO, Thais Alves. A colonialidade do saber e o apagamento da mulher negra na música. Entrevista concedida a Isadora Carvalho Araújo. Goiânia, 2025. Entrevista gravada para fins de Trabalho de Conclusão de Curso.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: O Diálogo Possível. São Paulo: Ática, 1990.

MELO, José Marques de. Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. rev. ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

PHILLIPS, Anne. O que há de errado com a democracia liberal? Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 301-321, 2001. <https://ufsc.br>. Acesso em: 24 maio 2026.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010. scielo.br. Acesso em: 24 maio 2026.

ROSA, Carlos Adão da Silva. [Entrevista concedida a Isadora Carvalho Araújo]. Goiânia, 24 set. 2025. Entrevista gravada para fins de Trabalho de Conclusão de Curso.

ROSE, Angeli. *Jornalismo Cultural: um exercício de valor*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2017.

SANTOS, Jéssica Raiane Pereira dos. [Entrevista concedida a Isadora Carvalho Araújo]. Goiânia, 7 out. 2025. Entrevista gravada para fins de Trabalho de Conclusão de Curso.

SHEFFIELD, Rob. The Vulnerability and Compassion of Halsey's Pop-Rock Era. *Rolling Stone*, New York, out. 2024. rollingstone.com. Acesso em: 13 maio 2026.

YOUNG, Iris Marion. *Diferença política: uma crítica ao ideal de comunidade democrática*. In: *Inclusão do Outro*. São Paulo: Unesp, 2006.

ANEXO:

Produto:

Produto:	37
Boas-vindas a 'Um papo, ou dois'	38
Manual de leitura (um pouco desnaturado)	38
Rosetta Tharpe: A mãe quase esquecida do rock	39
A resistência de Rihanna	41
Go hot woman, GO!*	45
Halsey: o sonho que leva a dor	48
Shakira: las mujeres ya no lloran	51
Amy: quando a angústia vence	52

Boas-vindas a 'Um papo, ou dois'

É um prazer imenso ter você aqui. Este site é um espaço dedicado a textos longform sobre mulheres influentes na música, como Rosetta Tharpe, Rihanna, Halsey e Amy Winehouse. Nosso objetivo é ir além da notícia, combinando o rigor jornalístico com a narrativa, para explorar a fundo a influência dessas artistas, suas lutas por respeito, liberdade e o impacto social de suas carreiras. Prepare-se para uma leitura aprofundada e repleta de reflexões críticas.

Esperamos que sua experiência seja enriquecedora.

Manual de leitura (um pouco desnaturado)

Este produto é algo experimental. Espero que, ao lê-lo, você esteja ciente de alguns pontos importantes:

As playlists estão ligadas à história:

Você, meu caro vagalume, é intimado a escutar enquanto lê estas linhas. Item inegociável!

Sobre os materiais:

Cada texto apresenta uma mudança no padrão textual; as construções são influenciadas pela narrativa e, muitas vezes, por conexão emocional.

Pedido importante:

Aqui, os textos têm uma visão pessoal e discussões sobre assuntos que vão além das personagens. Embora elas sejam os fios condutores das narrativas, há um ponto na tangente sobre nossa sociedade e as relações parassociais.

O mais importante:

Aproveite os temas e estilos para se conectar a algo que tentei tornar diferente do cotidiano das notícias clássicas.

Última coisa:

Meu senso de humor é mórbido, e isso pode influenciar na escrita. Bjs.

Uma boa leitura.

Rosetta Tharpe: A mãe quase esquecida do rock

A memória que ressoa

“A colonialidade do saber é o impedimento de que os saberes advindos desses grupos sejam reconhecidos como legítimos, válidos e capazes de contribuir com a identidade nacional. Então, por exemplo, o que você contou sobre Rosetta poderia ser considerada a mãe do Rock. Mas essa colonialidade impede esse conhecimento de chegar à tona.” A fala de Thais Alves Marinho, Doutora em Sociologia e professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, mostra um dos acontecimentos históricos mais comuns com culturas marginalizadas e reduzidas.

A escravização dos povos negros trouxe diversas consequências, uma delas sendo a redução e marginalização de sua cultura e de tudo que veio da matriz africana. Isso inclui a facilitação da exclusão da inteligência e das criações, levando ao esquecimento dos artistas negros por grandes grupos e levanta a necessidade de reviver essas figuras, sendo esse um dos objetivos deste texto.

Rosetta não morreu; sua infinitude está ainda hoje conosco, sua obra transformada por gerações, em uma arte que pulsa por guitarras e sintetizadores acelerados. Em pulsos dentro de uma veia que se liga ao coração forte de uma mulher que morreu diversas vezes para ser algo maior que seus 55 anos. Um derrame agressivo marcou sua luta contra o diabetes, onde acabou perdendo as duas pernas. Após anos acamada, sua morte física chegou aos 58 anos, em 9 de outubro de 1973, em um palco – o local que esteve em toda a sua vida e sempre foi seu verdadeiro lar. Um coração que conquistou o mundo e levou à criação de algo maior e permanente, um estilo além da música, para alguns um jeito de viver: o Rock.

Morrer é uma destas duas coisas: ou o morto é igual a nada, e não sente nenhuma sensação de coisa nenhuma; ou, então, como se costuma dizer, trata-se duma mudança, uma emigração da alma, do lugar deste mundo para outro lugar. Se não há nenhuma sensação, se é como um sono em que o adormecido nada vê nem sonha, que maravilhosa vantagem seria a morte (PLATÃO, 1980, p. 26).

Nota 1: O que é no fim a morte? Essa pergunta persegue a humanidade como um caçador desejando uma presa. No fim, que se torna inevitável, só temos as memórias que geramos nos que deixamos para trás.

A vida e a batalha

Música no site: *Strange Things Happening Every Day*

Sua vida foi uma constante migração por música, liberdade, respeito e fé. Aos seis anos, foi levada de Arkansas para Chicago, para uma nova vida em uma cidade grande, onde

floresceu com os anos cantando e tocando em uma comunidade religiosa. Sua primeira música, considerada rock, foi “*Strange Things Happening Every Day*”, em 1944.

Seu talento foi lapidado e amadurecido com os anos, assim como ela mesma. Já ali, naquela grande cidade clássica, seus galhos se estenderam pela região, sendo influentes pelo delta do Mississippi e dominando comunidades negras nos cultos e missas. Mas não apenas nelas, a voz de cantos de escravizados e de crença tomava a mente e o corpo de quem as escutava.

As rádios repercutiam em suas frequências seus cantos, e um movimento musical cada vez maior surgia.

Um dos frutos do estilo foi o Rei do Rock, Elvis Presley, um dos maiores nomes do estilo, assim como um de seus grandes pilares, o DJ George Klein. Amigo de longa data de Elvis desde seus anos na escola, Klein construiu sua carreira como apresentador e radialista por mais de 50 anos, promovendo novos talentos e mantendo a memória de muitos artistas.

Em 2024, a BBC publicou uma entrevista em que DJ George Klein destacou o legado de Rosetta.

“O que a gente via acontecendo era aquela música gospel com um sentimento ímpar.”

DJ George foi importante para a difusão do estilo *rock'n roll*, promovendo artistas na rádio, e carregou sua importância para a história de Rosetta, como um dos guardiões de sua marca pelas declarações e por nunca a apagar como artista.

O talento e o reconhecimento

“A Rosetta expressa bem esse tipo de conhecimento e destreza da população afro, que, embora estereotipada como ignorante, desinteligente, sendo de uma raça inferior, demonstra uma capacidade de pensamento complexo, por meio da música, de invenção, em identidade.” Thais Marinho

A infinitude é um conceito discutível para muitos; sua forma de permanecer é distinta das demais definições, mas há uma certeza: se muitos se lembram de você, sua memória vive em alguém. Rosetta vive em tantas pessoas, e muitos mal sabem a verdade de sua história de luta, como lutou para ser maior em outra cidade, como lutou contra o racismo, um relacionamento ruim e, mesmo após a morte, sofreu com o apagamento histórico.

Aos 25 anos, ela já estava entre os maiores artistas populares. Lembrando que a cantora não foi só uma das referências de Elvis, mas também de B.B. King, Johnny Cash e Bob Dylan. Uma de suas canções, “Hound Dog”, conhecida como um dos maiores sucessos de Elvis Presley, “Hound Dog”, foi uma composição escrita por Jerry Leiber e Mike Stoller.

gravada por originalmente gravada por Willie Mae (“Big Mama”) Thornton outra grande cantora negra da época.

“A humanidade é composta muito mais do que homens. É composta, por exemplo, também por mulheres. Ao garantir que as mulheres se sintam representadas, em alguns elementos da feminilidade, leva estes elementos a serem absorvidos pelo universal, enquanto o que não cabe à universalidade é considerado como desvio, lacuna, ou como um fragilidade. Um exemplo são as emoções colocadas como se os homens não fossem emotivos ou frágeis, só as mulheres. Na negritude versus branquitude, esses elementos também acontecem.” Thais Marinho

Imagem no site: Hypatia, c. 1901, por Alfred Seifert

Desde o início da humanidade, a separação em setores e partes da sociedade existiu. Atualmente, temos uma grande percepção das consequências históricas e diversos exemplos dessa brutalidade e apagamento.

Uma delas foi Hipátia, a primeira mulher conhecida por ser astrônoma e matemática da história, nascida em Alexandria, Egito, no século IV. Com a expansão do cristianismo na região, teve sua vida perseguida por seus pensamentos filosóficos, vistos como heresia pelos religiosos. O fanatismo religioso é capaz de destruir mais do que aparenta, mais que comportamentos, mais que o respeito, ferindo a capacidade de convivência e aprendizado. Hipátia foi morta acusada de causar caos e intrigas políticas contra Cirilo, que era bispo e não rei da época, mas sua marca nunca foi morta; a infinitude se manteve, elevando-a a um nível de mártir da ciência e filosofia.

Rosetta e diversas outras mantêm-se vivas, mesmo contra aqueles que recusam seus legados. Este texto é um tributo a essa figura histórica que venceu não só o racismo estrutural da sua época, como também o apagamento de figuras femininas e negras da história.

A resistência de Rihanna

Nota 1: Rihanna é uma marca própria e valente, um ícone maior do que apenas uma carreira, mas uma vitoriosa em vários aspectos. Uma mãe forte, e sabemos como a indústria lida com a maternidade...

O ato de gerar um ser é algo maior; criar uma nova pessoa para este mundo deveria ser uma escolha própria de cada mulher e não uma pressão social pela reprodução. No rol da fama na música pop, temos ela com anos sem álbum, sendo este 'Anti', de 2016, com o marco de 300 semanas na Billboard 200 em 2022. Considerado um sucesso comercial e de crítica

desde seu lançamento, é o que mantém muitos dos fãs dela vivos com seus ocasionais singles em colaborações.

““We Found Love” fala que encontramos o amor em lugares inacreditáveis, inesperados, tenho isso como algo que acontece nos lugares que menos espero.”

(entrevista feita no dia 7 de outubro de 2025)

Essa fala é de Jéssica Raiane Pereira dos Santos, uma fã da ex-cantora até os dias de hoje, com a mudança de carreira para CEO e empresária. Mulher negra, universitária que se inspira na figura de Rihanna para superações. A importância de figuras negras e empoderadas que conquistam o mundo é a quebra dos padrões sociais e econômicos que a escravidão criou ao redor do mundo. Neste site, tivemos muitas pessoas negras que lutaram contra cada um desses padrões: Rosetta, Rihanna e Raye são forças da natureza que instigam outras mulheres a serem fortes como elas. Para Jéssica, a cantora de Barbados trouxe algo mais forte.

“Respeitar a minha própria identidade, confiar no meu potencial. Confiar que eu posso, apesar de toda essa questão racial que se traz em todo o mundo, na nossa população. Ela ser autêntica, mostrar o lado da negritude dela e ter orgulho disso é bastante importante.”

A luta por respeito é um elemento constante na vida das mulheres há séculos. A luta pela permanência e a resistência em garantir o básico, não só por elas, mas pelas comunidades minoritárias como um todo. Assistir a essas figuras as representando, sendo elas e não se tornando algo “embranquecido”, é importante para toda a população negra. Não só no Brasil, como em todo o mundo, há pessoas nessa batalha todos os dias, sendo diminuídas com seus direitos e respeitos retirados, sentindo sua cultura e história sofrendo nesse desrespeito.

“Se você não é visto, você não é lembrado! Para nós mulheres e crianças negras, é importante que tenhamos pessoas que vieram de baixo, totalmente de baixo, de países subdesenvolvidos. Ver a pessoa conseguindo tudo, apenas sendo ela e tendo fé nela mesma, independente da questão racial que nos afeta no cotidiano.”

Nota 2: O Brasil é um país miscigenado que ainda vive em rastros de um passado infeliz e recente, comparado ao mundo, com a escravidão. Esse triste momento histórico causa feridas até os dias de hoje, uma condenação injusta e injustificável pelo sistema econômico da época, que forçou a visão do homem a tratar outro como mercadoria e posse.

Ser mulher é ter medo

Um dos terrores de ser mulher é ser vítima de quem ama ou de qualquer um. Nossos rostos, nossos corpos e nossas vontades sendo reduzidas pela força bruta e massiva de outros ao nosso redor. Na série *“The Handmaid's Tale”*, como foi traduzido, O conto da Aia, tem uma série de questionamentos sobre papéis de gênero e violência contra a mulher, mas uma frase dita em um dos seus recortes ficou em minha cabeça, este do vídeo abaixo.

transcrição da tradução do vídeo:

Certa vez alguém disse:

"Homens tem medo que as mulheres riam deles. As mulheres tem medo que os homens as matem."

Deveríamos ter previsto.

Pensei que ainda existiam lugares secretos, escondidos nas rachaduras e fendas desse mundo. Aqueles que poderíamos tornar bonitos, pacíficos, tranquilos e seguros. Ou pelo menos suportáveis.

Rihanna em 2009 se envolveu com Chris Brown em um relacionamento conturbado que chegou aos tribunais e até à cadeia por agressão grave, um crime em que o cantor tem reincidência e histórico. A cantora fez denúncias e demonstrou publicamente as agressões sofridas. A questão é que esse cantor teve outras acusações e casos graves, com ameaças de morte a Karrueche Tran em 2016.

“Quando fez a denúncia pública sobre Chris Brown, quando a violência doméstica foi a público, ela seguiu com o processo e não teve medo de se defender. Quer dizer, ela teve medo, claro que teve medo, mas no ato de não desistir, de mostrar para outras mulheres que elas também conseguem se proteger. Se ajudarem umas às outras, elas vão conseguir o objetivo.”

Cada exemplo dessas mulheres é uma esperança que pode ser levada a um lugar de valorização geral. Mesmo aquelas que nunca vivenciaram isso, um exemplo de uma de nós que venceu já alimenta um desejo de luta e batalha de milhares. Pavimenta um caminho árduo pela cultura torpe e trágica de sistemática agressão aos nossos direitos, de normalização das violências que nos afetam no dia a dia.

Nota 3: Eu odeio Chris Brown. Por mim, ele seria preso em 2009 de forma definitiva. No caso da Riri, foi apenas preventivo; sua condenação veio com apenas cinco anos de prisão e serviço comunitário, mais uma demonstração de impunidade.

“Nós nos empoderamos e nos espelhamos umas nas outras. Há uma construção de que essa admiração é chamada de inveja, porque nós somos ensinadas, é cultural outra mulher ter inveja de você, outra mulher ter ciúme de você.”

Muitas vezes, a falta de apoio leva à quebra de confiança no sistema, uma vez que alguém age como se sua dor fosse pequena e insignificante, o que pode gerar outra ferida com outra gravidade. Oprah e Rihanna são casos de denúncias importantes, e isso leva a uma mensagem:

“Quando outra mulher está fazendo algo que vive em você, eu, pelo menos, me sinto honrada, porque estou influenciada por alguém a fazer algo, a mudar a vida, a mudar de atitude. E eu digo isso com humildade, porque sinto que sou uma pessoa que tem a agregar à sociedade em coisas boas, principalmente quando denuncio algo negativo.”

Apoio importa

A importância de um apoio, mesmo que seja algo mais rápido, é fundamental para o ser humano. Todos nós precisamos de ao menos um ponto de confiança. Jessica teve vários momentos difíceis, mas ela contou uma das formas que lida com seus momentos complicados na vida.

“If I'm in Love” é uma música que, desde o lançamento, eu uso em looping em momentos em que estou no fundo do poço. De repente, vem aquela luz e eu tenho a necessidade de ouvir essa música da Rihanna. Geralmente, as pessoas têm um objeto de apoio emocional. Eu tenho músicas de apoio emocional.”

Um dos motivos desse trabalho existir é o que essa fala demonstra: o conforto de uma arte que se mistura às nossas vidas com uma facilidade maior que as demais. Você pode viver com música. O que quero dizer?

Andamos com música, respiramos com sons, coexistimos com barulho e poesia. A melhor forma de seguir o dia é com algo que amamos, enfeitando a vida cinza do dia a dia. Às vezes, tudo que precisamos é um exemplo:

“As músicas de autoria própria — das artistas negras — contam sobre o nosso cotidiano. Sobre a representatividade, não só de pessoas negras na música, mas a representatividade de histórias de pessoas negras, de pessoas conquistando espaços que foram negados por séculos. Ainda temos uma caminhada muito longa; as pessoas que não passam por isso minimizam. Na sociedade contemporânea, há um costume que eu acho extremamente prejudicial para o desenvolvimento de todos, que é calar-se. A galera está fazendo uma piadinha boba, não vou falar nada para não pesar o clima. Eu acho que isso é importante.”

Linguagem, uma evolução necessária que se tornou uma arma nas mãos de quem a usa como lâmina ou porrete. Palavras são arte, uma arte generalizada para convivência que não tem transmissão própria, e sim um uso ativo que a molda pelas vontades de seus

locutores. Estamos em um país que, segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos, em 2024, teve mais de 5,2 mil violações de racismo e injúria racial denunciadas no Disque 100, apenas de janeiro a novembro, chegando a mais de 14 denúncias por dia. Palavras são arte, uma arte generalizada para convivência que não tem transmissão própria, e sim um uso ativo que a molda pelas vontades de seus locutores. Estamos em um país que, segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos, em 2024, teve mais de 5,2 mil violações de racismo e injúria racial denunciadas no Disque 100, apenas de janeiro a novembro, chegando a mais de 14 denúncias por dia.

“Nós precisamos ocupar cada vez mais espaço. Nós precisamos contar cada vez mais a nossa história, mesmo que sejam histórias roídas, mesmo que sejam histórias sofridas. Mas que as pessoas saibam o quanto nós fomos puxados. Ainda somos puxados para trás.”

Halsey: o sonho que leva a dor

Mas afinal, quem é Halsey?

Halsey é uma cantora, compositora e musicista americana, de nome Ashley Nicollette Frangipane. Por alguns, considerada uma das Rainhas do Tumblr, com mais de 12 anos de carreira na música em constante mudança, fluindo entre pop, rock, eletrônico e alternativo. Seus maiores sucessos são “Closer”, “Without Me”, “Bad At Love” e “Could Have Been Me”, além de grandes colaborações, como “Boy With Luv”, lançada em 2019, em colaboração com o grupo de K-pop BTS.

Atualmente, é mãe solo de um menino chamado Ender, que nasceu durante um relacionamento anterior, que acabou durante uma crise médica de lúpus. Após o nascimento da criança, sua saúde declinou de forma abrupta e acelerada: a perda de peso, fadiga e desconforto começaram a ser mais frequentes, até seu diagnóstico e pela passagem por diversos médicos. Em 2022, a cantora revelou ao público sua condição clínica lúpus LES, assim como um raro distúrbio linfoproliferativo de células T, que levou a artista a meses de um tratamento pesado após sua gravidez. Um tratamento extenso que a levou de um hiato de dois anos planejado para quatro anos, de 2020 a 2024, quando lançou seu álbum *The Great Impersonator*.

Vídeo no site

Seus trabalhos carregam a persona de Halsey; porém, sua abordagem é pessoal sobre o que sente e acredita, não só sobre si, mas sobre sua vida. Seu último álbum foi a abordagem

de refletir sobre a sua possível morte, enquanto cuidava do seu filho, ainda bebê de colo, e tinha há pouco tempo terminado o relacionamento estável com o pai da criança. Segundo algumas partes de músicas e teorias dos fãs, o ex-namorado zombava de sua doença crônica, o que levou o casal a uma briga e ao fim. Neste mesmo período, sua gravadora encerrou o contrato.

Nota 1: A vida é uma inconstância curiosa, que mais irrita do que se torna alegre. Deixo aqui meu ódio claro às gravadoras que prezam por números, desligando a humanidade e colocando cobranças até de pessoas doentes pela sua métrica infernal que mata álbuns que poderiam ser novos sucessos.

A fama não perdoa nada e nem ninguém

Um dia você está no palco, sendo a artista, sendo a arte, tornando-se tudo que desejam para uma artista do seu calibre na indústria. Um dia, um grande sucesso, uma nova estrela descobrindo seu lugar na grande carreira, com uma gravadora caminhando com você, guiando-a nesse início meteórico onde você chegou longe, e ao invés de ficar estagnada, você sobe aos céus e cada vez chega mais longe... Até a fatalidade! Você quer lançar um álbum diferente e em um estilo diferente... Tira dinheiro de seus fundos para tornar um sonho, o filme contando a história do álbum, uma realidade. Mas os resultados de público apenas cravam uma decisão dos investidores. Ela conta sobre isso em entrevista para a Apple Music:

“A consequência de fazer o álbum *If I Can’t Have Love, I Want Power* foi ser dispensada pela gravadora. Depois de 10 anos de carreira, com múltiplos números um e diversos álbuns bem-sucedidos, fui deixada de lado e precisei procurar outro caminho. Após o álbum, já não conseguia os recursos necessários para gravar outro, pelo menos não dentro do padrão que sempre me foi exigido. Se falhasse de novo, teria que trabalhar com ainda menos recursos. (...) Talvez, daqui a cinco anos, quando decidirem que *HCHLIWP* é ótimo, isso seja maravilhoso, mas não tem me ajudado a conseguir fazer o próximo.”

O que poucos sabem é que Halsey se manteve em hiato por quatro anos; dois foram propositais — ela mesma declara que foi organizada e que achava sua carreira firme o suficiente para isso. Mas então, após se tornar mãe, a doença grave lúpus chegou, acabando com os planos. Em mais dois anos de tratamento intenso para se recuperar de todas as questões, houve uma separação do pai de seu filho.

Esse hiato forçado sufocou sua carreira; apenas seus fãs parecem manter algum interesse... Mas o retorno foi uma das escolhas mais dolorosas, não só pela dificuldade, mas pelos comentários:

“Meus próprios fãs são, de longe, mais maldosos comigo do que qualquer outra pessoa no planeta. Não estou falando de todos vocês, é claro, mas costumava ser apenas

uma minoria que era horrível comigo e, agora, parece que a maioria só ficou por aqui para ocasionalmente dar sua opinião sobre o quanto me odeia ou quão horrível eu sou.”

The Great Impersonator foi considerado um sucesso de críticas e vendas, entrando na Billboard 200. Sua colocação foi o segundo lugar em vendas com 93 mil, sendo 81.000 vendas, 12.000 unidades de streaming e 16,05 milhões de streams em plataformas como Spotify, isso sem contabilizar vinis vendidos, que renderam um total de 26.000 cópias. O lançamento ainda sofreu com a competição de sua semana de lançamento, sendo superado apenas por Chromakopia de Tyler, The Creator.

O conceito do álbum é sobre como ela se viu em um momento de forte vulnerabilidade, com uma doença crônica e, na época, agressiva. Descrito por Rob Sheffield, crítico musical da revista Rolling Stone desde 1997, com a seguinte frase:

“Seu poder depressivo também lhe confere um espírito de compaixão.”

Em sua análise, ele descreve as diversas mudanças de Halsey em sua carreira e como ela sempre se torna alguém diferente em todos os seus trabalhos, ressaltando a faixa “The Only Living Girl in LA”, a primeira música da playlist selecionada para esse texto.

Pessoalmente, como uma mulher que está na casa dos vinte, caminhando para os trinta, tive esse momento de refletir sobre a solidão de quem sou eu em meio a tantas forças que desejam tanto sobre mim. Sou secretamente uma ótima solitária com dificuldades em dizer o que tenho na minha mente, ainda mais fora de um texto como esse e mesmo não tendo a mesma história, algumas emoções me dominam. Para mim os últimos dois lançamentos dela são os mais potentes, justo os mais sinceros e aclamados da carreira dela, são os que trazem mais dor a ela.

Moral da história: Estar no topo nem sempre é a garantia de felicidade, para muitos isso leva a uma fase dolorosa da vida.

Go hot woman, GO!*

A fã e a cantora: onde as histórias se cruzam

Anna Julia, nossa coprotagonista deste texto, sendo uma criança dos anos 2000, assistia televisão, crescendo na cultura dos canais televisivos, onde a programação era em sua maioria para crianças na segunda infância, pré-adolescentes e adolescentes, conheceu Sabrina Carpenter. Naquele ano, a cantora era atriz e estava como coadjuvante de uma série chamada “Garota Conhece o Mundo”, com a personagem Maya. Em seu relato, ela cita que a personagem a encantou, sendo mais cativante do que a própria protagonista.

Áudio transcrito utilizado no longform: “Então, eu começo a acompanhar a carreira musical dela dali, e eu começo com uma identificação assim, porque a gente tem idade parecida, ela é só dois anos mais velha que eu. E por a gente ter idade parecida, eu começo a acompanhar ela dali, e a minha relação com ela começa ali e vai evoluindo até os dias de hoje, porque a gente vai crescendo juntas, ela vai amadurecendo, as músicas vão amadurecendo. Quando ela sai da Hollywood Records, ela começa a ter mais liberdade criativa, coisa que muita gente no começo estranhou muito, porque foi quando ela começou a colocar mais a sexualidade nas músicas, foi quando ela começou a falar mais de sexo, foi quando ela começou a colocar mais palavrão. E muita gente diz que antigamente ela era mais poética, mas não é que ela era mais poética, ela simplesmente não tinha essa liberdade de escrever o que ela queria, porque ela era uma estrela Disney. E aí eu fui acompanhando todo o processo de desmistificação de garota Disney, e eu fui me identificando, porque eu sentia que as pessoas também — obviamente eu não era uma garota Disney — mas eu sentia que as pessoas também me viam como uma pessoa que eu não era, coisa que também acontecia com ela. E aí, a partir desse processo de amadurecimento dela, eu fui criando uma relação com ela, porque eu fui vendo que ela sempre foi daquele jeito. A gente conseguia ver pelas performances, por exemplo, a gente só não via pelas letras das músicas, mas a gente conseguia ver pelas performances dos shows, que eram muito pequenos, não eram grandes como hoje, e tudo mais. E esse processo de amadurecimento dela foi junto com o meu processo de amadurecimento.”

Por volta dos anos 2000, ser uma garota Disney foi um sonho de diversas adolescentes. Várias de nós queríamos as roupas, os cabelos, o estilo e até a personalidade das personagens e atrizes. A empresa construía sonhos nas gerações com seus canais de TV e filmes teens. Ter 13 anos entre 1990 e os anos 2000 era respirar isso em revistas como a *Capricho* e nos grupos sociais, até nas escolas. Os canais de televisão como Disney XD e Nickelodeon traziam isso em sua programação, assim como levavam muitas estrelas teens ao mundo da moda, atuação e música, dentre essas Demi Lovato, Selena Gomez e Sabrina Carpenter.

Em uma conversa normal de amigas nos corredores da universidade, nos deparamos com um assunto polêmico:

Sabrina Carpenter e seus shows.

Minha amiga ria e argumentava dizendo que, mesmo achando que era exagerado, ainda assim, era engraçado. Segundo Anna, Sabrina só estava fazendo isso porque tentaram transformá-la em piada. Esta é a questão sobre essa cantora e como suas respostas criativas de brincar junto com quem tenta transformá-la em algo, tornando-se a piada que fazem e, de forma natural, levando a nunca mais se tornar uma chacota. Entendam uma coisa: se você se ofende e rebate, acaba alimentando a vontade deles de continuar. Ela entende isso de uma forma tão profunda que subverte tudo o que falam, tornando-se aquilo de forma cômica.

Como Anna disse:

“Eu percebi como ela lida com as pessoas, levando-as a não conseguirem fazer piada com ela, porque simplesmente ela retruca a piada, aumentando-a e deixando-a três vezes pior, vamos dizer de uma maneira bem formal, se autozoando.”

Nota 1: Estamos vendo alguém que entende o comportamento de hate da internet e o usa como a piada da vez, tornando-se “imune”? Em partes.

Saída das princesas

Após a “era de ouro”, a Disney teve um longo processo de êxodo de seus artistas jovens. Esses artistas seguiram suas carreiras, e atualmente todas estão longe da tutela do conglomerado, saindo da Hollywood Records para outras empresas e com seus direcionamentos próprios, com mais liberdade. Suas músicas mudam, as letras amadurecem e perdem a necessidade de esconder seus duplos sentidos de forma “poética” por conta de seu contrato. Agora ela poderia ir para seu lado mais cômico e brincalhão sobre sua sexualidade e decepções românticas de forma mais aberta, o que, sendo esperta, ela utilizou bem e aos poucos introduziu seus fãs à Sabrina que ela sempre foi, mas tinha que manter escondida debaixo de um papel de “menina Disney”.

Muitas mulheres se identificam com isso: a obrigatoriedade de uma máscara social de “Dama”, onde suprimimos nossas personalidades para ser a “garota ideal”, a representação da sociedade de como uma mulher deve ser recatada, polida, limpa e simplesmente reprimida. O processo de Sabrina é o que muitas mulheres passam ao entenderem sua liberdade real, a liberdade de poderem mostrar ao mundo quem são, uma forma de liberdade que passamos a vida tentando alcançar e, mesmo em ambientes mais livres de rigor, ainda sentimos o peso de uma série de comportamentos impostos e de necessidades que não nos pertencem.

Hoje, vemos um movimento forte de mulheres que não cedem ao grande público e às vontades impostas pela sociedade. O parâmetro da garota boazinha, que se molda e se torna o que querem, a imagem imaculada de um exemplo tóxico, sendo sempre a legal, a gentil, a boa moça e a figura “perfeita” de feminilidade, está caindo há décadas. Em meus pouco mais de vinte anos de vida, assisto a essa mudança vindo em diferentes formas de mídia com figuras como Sabrina e outra que me lembra essa história e está na boca do povo: Miranda Priestly, do filme “O Diabo Veste Prada”.

Os movimentos modernos de liberdade feminina levaram à valorização de outros tipos de personalidade. A personagem do filme é a chefe forte, ambiciosa, firme, crítica e perfeccionista consigo mesma e com os demais. Uma figura feminina de poder e controle que, mesmo sendo, em partes, o estereótipo de chefe carrasco, ainda assim não a odiamos,

nem sequer a protagonista, que mesmo 20 anos depois de sair da equipe dela ainda busca a sua aprovação. O vídeo abaixo explica um pouco dessa ideia:

Sabrina Carpenter é outro tipo de ruptura, uma onde explora o corpo, a própria sensualidade e sexualidade de forma cômica, sem ser obrigada a ser poética e esconder esses pensamentos, libertando-a. Mesmo que sejam pontos diferentes de liberdade, ainda é a quebra de um padrão que oprime, força e silencia a mulher, que nos leva a dizer coisas que não queremos e detestamos por pura “educação”. Não é sobre ser estúpida como Miranda e nem maleável como Andrea Sachs, protagonista do filme, mas sobre ser você como Sabrina, e se fizerem piada... ria, devolva e seja feliz. Nem sempre as opiniões dos outros são realmente sobre você, e sim sobre o que eles sentem sobre si mesmos.

Atos em palco

Desde sua saída da Hollywood Records, Sabrina travou uma batalha com seus fãs, os pais de menores de idade que escutam suas músicas e, para além, os críticos de internet que cobram mudanças que nunca serão feitas pela artista. O teor sexual das coisas é parte da maturidade, ou imaturidade, humana. Mensagens sobre a vida e as possibilidades do corpo feminino sempre vão incomodar aqueles que não entendem a importância dessa liberdade.

Após esse contexto, vamos ao caso: as coreografias de palco com teor sexual...

O que vocês esperam de uma mulher linda, inteligente, persistente e livre, alguém que se permite viver a vida?

A arte sempre partiu do artista, de quem a escreve. No caso, Sabrina é a compositora principal de sua carreira musical, e isso nos leva a um passeio pela vida de uma mulher solteira e com grandes decepções amorosas na casa dos 20.

Nota 2: Ainda mais uma vida badalada que está nos holofotes de Hollywood desde a infância, o que me deixa feliz por ter famosas lutando publicamente por direitos que deveriam ser básicos: o uso do corpo como nós nos sentimos confortáveis e confiantes... Se você não sente, tudo bem, não faça!

Falas da própria cantora sobre sua polêmica em entrevista a TIME:

“Ainda recebemos uma mãe ou outra que tem uma opinião forte sobre como você deve se vestir. E para isso eu apenas digo: não venha ao show e tudo bem.”

“A coisa mais assustadora do mundo é subir em um palco na frente de tantas pessoas e ter que se apresentar como se não fosse nada. Se a única coisa que te ajuda a fazer isso é a maneira como você se sente confortável ao se vestir, então é isso que você tem que fazer.”

Falas importantes em um mundo cheio de controle e opiniões que soam mais como obrigações impostas a todos, sendo que cada ser humano tem sua vida e sua liberdade. Esses outros, no fim... Que vão cuidar das suas vidas. Bjs!

Shakira: las mujeres ya no lloran

Shakira Isabel Mebarak Ripoll, com seus maravilhosos 49 anos, é um dos maiores ícones da música e da cultura latina. Sua vida e carreira estão intimamente ligadas ao Brasil, em uma longa relação de shows em nossas terras muito antes de Copacabana. Sua relação conosco tem meros 30 anos de proximidade e carinho. Com o apoio do país até os dias de hoje, ela é uma das poucas artistas que detêm esse carinho e respeito. Sendo o maior ícone pop latino de todos os tempos, começou sua carreira jovem, com o álbum *Magia*, aos treze anos de idade, em 1991.

Mesmo que seu primeiro álbum não tenha sido amplamente reconhecido, ela nunca parou de produzir e cantar. Esses caminhos levaram a várias produções, até que sua primeira indicação ao Grammy veio com "*Dónde Están Los Ladrones?*", um dos álbuns latinos mais vendidos até hoje em solo estadunidense. Isso elevou a musicalidade latina dentro do pop, construindo um caminho para outros artistas — não só de seu país, mas de todos que cantam em línguas latinas.

Uma mulher que não chora

Shakira é uma figura feminina de força. Movida por sua força de vontade desde os oito anos de idade, ela é um exemplo de figura que se adapta, mas nunca se perde. Uma comparação que me vem à mente é que ela se parece com um monólito. Como uma força da natureza, saiu de um divórcio sem lágrimas públicas e fez poucos comentários sobre o que levou à escolha; mas nada como uma música para dizer muito — ou melhor, um álbum inteiro. A arte é uma forma de expressão humana, um caminho para dizer o que não conseguimos em um diálogo.

A nossa loba latina sempre foi assim: usou a música como um desabafo, um caminho não só para contar sua visão de tudo, mas para não chorar e, sim, faturar. Acho muito bonito como ela lidou com toda a situação. Seus filhos aparecem nos momentos em que mais a vemos em seu lado pessoal, seja no jogo deles ou cantando juntos. Sua carreira apenas se fortaleceu, tornando-a, mais uma vez, um grande ícone na mídia latina, sempre com orgulho de suas origens.

Sua imagem é tão forte no imaginário mundial que conseguiu unir mais de 2 milhões de pessoas em areias brasileiras. Seu marco iguala-se, se não se torna maior, que shows anteriores como o da Lady Gaga, sendo a maior apresentação de ambas as carreiras, mostrando como temos potencial para dar público e um palco tão grande a artistas diversos. Nosso país tem uma certa dificuldade de trazer grandes figuras para essas grandes apresentações, mas com toda certeza falta de apoio para a recepção dos artistas não falta.

O orgulho de ser latino

Nos últimos anos, vemos diversos movimentos contra o “American Dream” surgirem e se fixarem com grandes protestos nas ruas brasileiras e nas artes. Como isso se liga a Shakira? É uma excelente pergunta. A latinidade tem se tornado um movimento global. O Brazilian core, nosso típico jeitinho brasileiro, vem conquistando o mundo em um processo que começou há décadas, com a valorização das línguas latino-americanas. O charme das latino-americanas vem conquistando seu espaço pela mídia em geral há muito tempo.

Considero um dos maiores passos desse processo a ida de Carmen Miranda às telas dos estadunidenses; foi um marco para o mundo. Conheço os pormenores dessa história: como sempre a obrigaram a usar um falso sotaque carregado, enquanto Carmen era fluente e falava perfeitamente a língua inglesa americana, mantendo um charme impecável. Outra matriarca, mais atual, desse movimento é Gisele Bündchen, que dominou as passarelas e abriu ainda mais o mercado para a nossa beleza diversa.

Essa quebra de barreiras socioculturais não é feita de um dia para o outro; sua construção, na maioria das vezes, vem de décadas e anos de exposição cultural. Principalmente por meio de ícones que atravessam essas barreiras colocadas, a quebra precisa da difusão de informações, de cultura e de pessoas que guiam esse processo aos olhos do grande público. O fato de as europeias estarem apaixonadas pelas cores e símbolos do Brasil não é nada mais que o resultado desse processo, que chegou tão longe que já alcançou as culturas asiáticas. Mas isso deu início a algo inesperado e que os brasileiros não têm lembrado.

O brasileiro começou a ter orgulho do Brasil?

Amy: quando a angústia vence

A vida também te destrói pelos seus maiores desejos

Infelizmente, existem momentos onde outras dores nos alertam para as nossas. Esse foi o caso de Adão; essa experiência veio de seus ídolos, um deles Amy Winehouse. Sua conexão veio nos últimos anos de vida da artista; suas canções fizeram parte de um processo difícil, um estágio depressivo. Mas, em alguns momentos da sua vida, seus heróis não são o belo e puro cavaleiro, e sim alguém que tenha os mesmos problemas que você, os mesmos fardos e questões que caçam sua alma como predador sedento.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), no Brasil, em 2023, cerca de 11,7 milhões de cidadãos tiveram casos de depressão, nas Américas ficando atrás apenas dos Estados Unidos, podendo chegar a 15,5% nos próximos anos. Estamos em um país com diversos fatores para esses números, desde acesso ao tratamento e ao estigma social que os

afetam. Esse conceito é muitas vezes o que impede a fala e o entendimento de quem vive com essas dores, afastando-os de simplesmente se sentirem confortáveis em falar.

Muitas personalidades famosas desenvolvem doenças por conta de seu meio de trabalho, como vimos nos textos anteriores. A conquista de uma grande fama vem acompanhada por uma solidão e estado de abandono que muitos artistas como Amy não esperam, e no desespero por ter um outro alguém consigo, pode levar à dependência emocional. Artistas como ela e Michael Jackson eram perseguidos e atacados pela mídia com frequência, mas ambos têm mais em comum do que parecem.

Os relacionamentos tóxicos.

Amy era uma grande estrela da música aos 27 anos em um momento solitário. O álcool pediu seu preço, levando-a em 2011. Mas sua carreira foi curta, apenas oito anos, e ainda assim, uma estrela grande demais para ser esquecida. Então, em uma homenagem a essa alma brilhante, vamos lembrar de seu início meteórico.

O início e a grande queda

Sua carreira foi rápida e marcante. Seu primeiro disco solo, Frank, já a colocava como uma grande revelação da música britânica, um marco que artistas sonham em ter. A grande virada de sua vida foi conhecer seu ex-marido Blake Fielder-Civil em um pub em Camden Town, Londres, em 2005. Blake ainda é considerado por muitos como um dos vários motivos para a cantora ter acesso às drogas, principalmente nos anos de seu casamento com Amy, de 2007 a 2011. Uma relação tóxica, prejudicial e com traições conjugais de Blake desde 2007, levaram a cantora a um estado de isolamento, cancelamento de shows e ao uso frequente de substâncias variadas.

No ano seguinte, 2008, lançando o maior álbum de sua carreira, Back to Black, a cantora tentou reatar o relacionamento e aparecer em eventos, mas essa escolha levou ao triste evento no Grammy daquele ano. Mesmo com prêmios em seis categorias da noite, foi vítima de chacotas nos jornais. Uma noite que deveria ser de felicidade e uma grande marca profissional se tornou uma piada nos veículos. As traições de seu marido na época levaram a um enxame de paparazzi a cercando constantemente. Isso, para uma personalidade já fragilizada, é um impacto maior do que podemos imaginar. Uma das consequências de todo esse momento se tornou o retorno aos tratamentos de dependência química. Infelizmente, os tratamentos não obtiveram resultados e as recaídas de grandes doses, indo e vindo com a abstinência.

Mesmo com tudo acontecendo e sua relutância em subir em um avião, Amy retornou aos palcos com cinco shows feitos no Brasil em:

- 08 de janeiro: Florianópolis (Stage Music Park)
- 10 e 11 de janeiro: Rio de Janeiro (Arena HSBC/Barra)
- 13 de janeiro: Recife (Centro de Convenções)
- 15 de janeiro: São Paulo (Summer Soul Festival - Arena Anhembi)

Em seguida, partiu para Dubai, onde cancelou a apresentação no meio. A cantora escolheu retornar ao tratamento e se internou na clínica por um curto espaço de tempo, voltando aos palcos e sendo vaiada em Belgrado, na Sérvia.

No seu penúltimo dia de vida, sua médica a visitou por conta de uma recaída, no dia 23 de julho de 2011. Em uma abstinência, ela retornou ao álcool. Mesmo que a quantidade não fosse grande, seu corpo debilitado pelo uso de tantas substâncias e a retirada brusca dos químicos não suportou uma nova dose e, no dia 24 de julho de 2011, partiu Amy Winehouse, levada pela dependência química que fragilizou seu corpo aos 27 anos de idade.

Segundo o pai de Amy, Mitch Winehouse, em seu funeral, a filha tinha conseguido se manter sem uso de drogas por três anos.

O legado que salvou Adão

Adão, nosso outro personagem, atualmente é psicólogo, mas quando Amy estava entre nós, ele estava na adolescência. Ele viveu como um fã e, como muitos fãs, assistiu a toda a tragédia.

Recorte de áudio: A sensação que me passou é algo muito como se fosse uma fogueira acendendo, apagando bem devagar, sabe? Por exemplo, o pessoal do, digamos, do Clube dos 27, entre aspas, o pessoal que se matou para ter idade, ou morreu, eu sinto um... Vindo das mortes deles, um fogo que se consumiu de uma vez. A da Amy era mais palpável, pelo menos para mim, esse desligamento que ela tinha. Com a vontade, sabe? De me impedir, de ficar melhor. Não seriamente viver, mas de ficar melhor. E isso, na época, me marcou bastante. Indo além da identificação, mas como também uma história de... Mesmo no final trágico que teve, uma história de luta.

Áudio utilizado no *longform*: Assim, a escolha da minha carreira foi muito marcada por essa fase, e obviamente acaba pela Amy, de tipo, escolher ajudar no que eu consigo na questão da saúde mental das pessoas. Porque eu olho essas situações que aconteceram e quando eu olho pra essas pessoas que entraram num estado depressivo, teve uma morte trágica, ou coisa do gênero, eu vejo algo muito vazio. Vazio de... é um vazio sentimentalista, é como se fosse sentir por sentir.

É um sentimento constante, sem ter um motivo real porque ele existe. Por exemplo, depressão, às vezes, não precisa ter um motivo específico, não precisa ser algo tipo, ah, um parente morreu. Depressão, às vezes, só acontece por conta de uma visão da vida que você tem, ou por qualquer outra coisa.

E quando eu vejo isso, eu penso que dá pra evitar. Dá pra, digamos, entre muitas aspas, salvar, mas dá pra ajudar, entende? Isso me marcou bastante, foi uma das coisas que me marcou pra eu ter escolhido o meu curso. Foi analisar, foi ver.

E também, pra você ser um pouco de psicólogo, você precisa sentir o que a pessoa sente. Você precisa, pelo menos, olhar e falar, olha, isso não acontece comigo, mas eu consigo quase ser palpável pra mim mesmo se isso vai acontecer comigo.

Muitos fãs sentiram a perda de seus artistas, indo além apenas das obras que nunca mais serão feitas. Essa conexão é o que movimenta as carreiras, a forma como a arte pode ligar pessoas, ao ponto de ser íntimo, profundo e um local de descanso a quem se envolve em suas obras. E para além disso, ela é apreciada, amada e, com toda certeza, um ícone que merecia mais:

- Respeito
- Carinho
- Espaço

E acima disso: Compreensão

Todos temos nossos momentos baixos, mas ter a oportunidade de saber que você é importante, que tem um caminho para se sentir e que pode ser cuidado é importante.

Termo de autorização Thais Marinho:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO, IMAGEM E INFORMAÇÃO CONCEDIDA POR MEIO DE ENTREVISTA

Eu, Thais Alves Marinho, portador(a) do CPF 71916130178, AUTORIZO o(a) acadêmico(a) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás Isadora Carvalho Araujo, a utilizar a minha imagem e as informações concedidas por meio de entrevista, de forma gratuita, no site Trabalho de Conclusão de Curso sobre Um papo ou dois: como as cantoras famosas influenciam histórias com as próprias, do curso de Jornalismo.

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo a discente a realizar cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e o/a acadêmica/a Isadora Carvalho Araújo.

Goiânia, 09 de abril de 2026.



Documento assinado digitalmente
THAIS ALVES MARINHO
Data: 13/04/2026 10:54:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Cedente

Termo de autorização Anna Júlia Caixeta:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO, IMAGEM E INFORMAÇÃO
CONCEDIDA POR MEIO DE ENTREVISTA

Eu, Anna Júlia Caixeta Bueno portador(a) do CPF 706-171-531-54, AUTORIZO o(a) acadêmico(a) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (~~nome do/da estudante~~), a utilizar a minha imagem e as informações concedidas por meio de entrevista, de forma gratuita, no site Trabalho de Conclusão de Curso sobre xxxx, do curso de Jornalismo.

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo (~~nome do/da estudante~~) a realizar cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e o/a acadêmica/a (~~nome do/da estudante~~). Anna

Goiânia, 03 de 04 de 2026.

Anna Bueno
Assinatura do Cedente

Termo de autorização Carlos Adão:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO, IMAGEM E INFORMAÇÃO CONCEDIDA POR MEIO DE ENTREVISTA

Eu, Carlos Adão da Silva Rosa, portador(a) do CPF 701.449.331-01, AUTORIZO o(a) acadêmico(a) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (**nome do/da estudante**), a utilizar a minha imagem e as informações concedidas por meio de entrevista, de forma gratuita, no site Trabalho de Conclusão de Curso sobre xxxx, do curso de Jornalismo.

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo (**nome do/da estudante**) a realizar cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e o/a acadêmica/a (**nome do/da estudante**).

Goiânia, 01 de 04 de 2026.



Documento assinado digitalmente
CARLOS ADÃO DA SILVA ROSA
Data: 01/04/2026 17:52:03 -0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura do Cedente

Termo de autorização Jéssica Raiane Pereira dos Santos:

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ÁUDIO, IMAGEM E INFORMAÇÃO CONCEDIDA POR MEIO DE ENTREVISTA

Eu, Jéssica Raiane Pereira dos Santos, portador(a) do CPF 752.748.921-91, AUTORIZO o(a) acadêmico(a) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás Isadora Carvalho Araújo, a utilizar a minha imagem e as informações concedidas por meio de entrevista, de forma gratuita, no site Trabalho de Conclusão de Curso sobre Um papo ou dois: como as cantoras tocam histórias, do curso de Jornalismo.

Por meio desta autorização ora concedida, autorizo (nome do/da estudante) a realizar cortes, reduções e edições. Esta autorização não gera e não gerará no futuro e também não ensejará interpretação de existir quaisquer vínculos ou obrigações trabalhistas, securitárias, previdenciária, indenizatória, ou mesmo empregatícia, entre o(a) cedente e o/a acadêmica/a Isadora Carvalho Araújo.

Goiânia, 25 de maio de 2026.

 Documento assinado digitalmente
JESSICA RAIANE PEREIRA DOS SANTOS
Data: 01/06/2026 14:11:02 -0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Assinatura do Cedente

Autorização de uso para repositório:



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DE GOIÁS**
**PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL**
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Isadora Carvalho Araújo do Curso de Jornalismo, matrícula 20222012700145, telefone: (64)999762507 e-mail isadoracadvalho0725@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Um papo, ou dois: como cantoras tocam histórias, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 25 de junho de 2026.

Assinatura do(s) autor(es):  Documento assinado digitalmente
ISADORA CARVALHO ARAUJO
Data: 25/06/2026 11:12:35-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Nome completo do autor: Isadora Carvalho Araújo

Assinatura da professora-orientadora: Maria Carolina Giliolli Goos

Nome completo do professora-orientadora: